

# BRASIL-PORTUGAL

16 DE MARÇO DE 1901

N.º 52

## *A volta do Calvario*



Desenho de Francisco Villaça  
Feito expressamente para o BRASIL-PORTUGAL



# Política Internacional

14 de março de 1901.

Não ha estado européo, ao qual o século XIX tenha deixado mais pesada herança do que a Austria-Hungria. Pesada e de liquidação absolutamente insolúvel dentro do actual *status quo*. Não ha tambem dynastia mais tristemente assignalada pela fatalidade entre todas as casas reinantes da Europa do que a dos Hapsburgos, cujo destino funesto quasi faz reviver nos nossos dias as assombrosas tragedias, que a tradição antiga nos diz terem implicadamente ferido certas familias predestinadas. Ao pensar n'ella, lembramo-nos involuntariamente da sorte dos Atradas.

Que ha mais profundamente tragico, com effeito, do que a vida de Francisco José, condemnado em meio das amargas preocupações da sua situação politica a vêr cair um por um todos os seus, victimas das mais horrosoras catastrophes que a historia recorda?

Primeiramente seu irmão Maximiliano fúsilado em Queretaro; depois sua cunhada, a imperatriz Carlotta, com a razão perdida por motivo da grande desgraça que lhe roubou aos filhos o esposo amantissimo; depois o drama sangrento de Meyerling, que a um tempo o fulminou com pae, fazendo-lhe perder o filho unico, e como monarcha, deixando pela morte do archiduke Rodolpho o throno sem herdeiro directo; e finalmente, já no seu ultimo occaso, tão cheio de pungentes recordações, o assassinato da imperatriz Isabel a fechar o cyclo fatidico d'este calvario sem precedentes.

Pois todas estas dôres chegam a parecer insignificantes e leves, se as compararmos com as angustias que Francisco José, como imperador, tem passado para dia a dia ir resolvendo as difficuldades politicas, que lhe levantam as rivalidades e os choques de interesses das variadas populações do imperio.

E' um verdadeiro trabalho de Sysypho, que não tem fim nem admittê descanso. Ainda bem não está apaguada uma contenda, ao menos aparentemente, que logo outra não surja mais violenta e irreductivel. As questões administrativas, propriamente ditas, que nos demais paises se resolvem pelo simples funcionamento dos regulamentos internos, complicam-se na Austria-Hungria com problemas ethnographicos e exclusivos de raça, que sem demora as transformam em perigosas luctas de nacionalidades. Assim, além das questões por assim dizer geraes, que se impõem a todo o imperio, como o anti-semitismo, a preponderancia politica e commercial na peninsula balcanica etc., ha as questões particulares, que interessam os diversos grupos ethnicos, mas que nem por isso deixam de perturbar a vida politica de toda a nação.

Pertencem a este numero a questão tchêca, a questão polaca, a questão croata, a questão rumenica, a questão alemã; e não incluímos n'este capitulo a magna questão magyar, em grande parte resolvida pelo regimen do dualismo, actualmente vigente, mas que apesar d'isso por vezes em si ainda, no estado agudo, como o elemento activo, accio a proposito do renovoamento do pacto da uniao e por causa dos encargos financeiros respectivamente á conta dos dois estados separados pela Leith.

Cada uma d'estas questões é um fermento de discordia, e ao mesmo tempo uma constante ameaça á integridade nacional, por isso que os diferentes grupos ethnicos, unidos mas não assimilados ao estado austriaco, encontram fóra das fronteiras do imperio poderosos centros de attracção em que apóiam as reivindicações, que fazem valer contra o centralismo de Vienna e Budapest. Os tchêcos e os croatas voltam-se para a Russia, d'onde esperam a emancipação de todas as nações slavas, ainda hoje escravizadas sob o jugo estrangeiro. Os rumenicos, que attingem quasi a cifra respeitavel de tres milhões de individuos, sentem-se attrahidos pelos irraesmos de raça e de lingua, que vivem independentes sob o governo do rei Carlos. Os alemães, finalmente, deslumbrados pela prestigio e pelo grande bem economico, a que elle preside, norteam na direcção de suas aspirações e pela intrinseca e altrania com que trata as outras nacionalidades, especialmente da Cisleithana, estão concorrendo mais do que nenhum outro elemento para a dissolução do imperio.

Esta situação anomala reflecte-se nas relações dos diferentes partidos politicos no *Reichsrath*, e tambem, embora em menor grau, nas camaras hungaras. No *Reichsrath* sobretudo, a desordem e a anarchia por attingirem o limite extremo e na impossibilidade de se chegar a um accordo entre os interesses oppostos e as encontradas paixões, que alli se dividiam, já se fala na probabilidade da suspensão do regimen parlamentar, dispensando a corôa para a solução dos problemas pendentes a collaboração dos eleitos do paiz. Terá, porém, o imperador, hoje no fim de uma carreira politica tão angustiada e trabalhosa, a energia sufficiente para realizar este golpe d'estado? E, dado o caso que a tenha, conseguirá elle por esse processo introduzir a ordem no presente chao? E' duvidoso.

A incapacidade de assimilação das diversas nacionalidades do imperio pelo poder central está sobrejamente demonstrada pela historia dos ultimos trinta annos. Cada concessão, a que Francisco José se viu obrigado pela força das circumstancias, teve como resultado em vez do apaguamento das paixões, a exacerbação das exigencias.

Transigio com a Hungria e consentio no dualismo. Tanto bastou para que a Bohemia se levantasse a afirmar tambem o direito, que lhe assiste de gosar autonomia identica. Transige agora com as aspirações tchêcos, e transforma hoje em tripartida a nação dividida em duas pelo compromisso austro-magyar? Levantar-se-ha a Galicia a reclamar igualmente o seu quinhão de independencia. E de concessão em concessão ir-se-ha a Austria-Hungria fraccionando n'um numero cada vez maior de pequenas autonomias, cada vez tambem mais exacerbatras ao sentimento de uma patria commun. Se até hoje a ultima desagregação, que aliás está na logica dos acontecimentos, se tem podido evitar, deve-se isso ao prestigio pessoal do imperador e á sua incontestavel habilidade politica. No dia seguinte ao da sua morte, porém, ninguém poderá evitar a catastrophe, tanto mais de recear pela extensão dos seus effeitos, quanto por mais tempo fôr adiada por expedientes que no fundo nada resolvem, deixando portanto intactos todos os problemas.

Do momento em que a Austria não pode ou não soube regular a situação das nacionalidades exoticas, que a constituem, por processos identicos aos que empregou a Prussia na Silesia e no grão-ducado de Posen, e a Russia na Polonia, na Ukraina e no Caucaso, o seu futuro, como estado homogeneo e unido, a ninguém offerece duvidas. Quanto tempo durará o actual *status quo*? É difficil de prevel-o. No entanto em cada dia que passa a situação de ambas as partes das diferentes raças, que o governo de Vienna procura em vão conciliar; e assim qualquer incidente imprevisito pôde determinar a crise final.

Interrompemos aqui a presente revista retrospectiva da situação das diversas nações europeas, ao findar o século XIX, para referir aos nossos leitores as duas crises politicas, que acabam de dar-se na Hespanha e na Italia, e cuja solução tão grande importancia pôde ter para o futuro da Europa.

Começemos pela Italia. O ministerio Saracco, que fôra o ultimo de Humberto I e havia sido chamado ao poder pouco tempo antes do assassinato de Monza, cahio em virtude do debate levantado a proposito da dissolução da camara do commercio de Genova e da greve, que se lhe seguiu. Para o substituir foi chamado o chefe da colligação parlamentar, que tinha derribado o governo, o sr. Zanardelli, chefe da esquerda e uma das personalidades mais em evidencia do mundo politico italiano. Ao contrario do que se dava com o seu antecessor, o qual era apoiado pelos grupos mais moderados da camara, o actual presidente do conselho passará a ter o apoio dos grupos mais avançados, incluindo a propria extrema esquerda, que está representada no ministerio pelo seu chefe, o sr. Sacchi, ministro da fazenda.

Os outros ministros mais em evidencia, além de Zanardelli, são o sr. Giolitti, uma especie de chefe do partido opportunistas, ministro do reino; e o sr. Prinetti, chefe da extrema esquerda, ministro dos negocios estrangeiros. Diz-se, apesar de a este respeito não haver ainda programma definido, que a politica do novo ministerio attenderá principalmente á reforma da administração financeira, á diminuição das despezas publicas, e á restricção dos gastos militares. Não se comprehende, no entanto, bem, como se conciliará este ultimo capitulo do programma ministerial com a escolha do chefe da extrema direita para a pasta dos negocios estrangeiros, de que dependem as questões que mais directamente contribuem para avolumar o orçamento da guerra.

Nunca a Italia poderá alliviar os encargos militares que a esmagam, enquanto estiver jungida á politica da triplice alliança, para ella tão ruinosa. O actual tratado está a expirar e carece portanto de nova confirmação. Se fosse ministro dos negocios estrangeiros um membro da extrema esquerda, partido que sempre cometeo a politica alemã do *butirral*, ainda poderia haver a esperanza de que a peninsula, sob a administração que acaba de subir ao poder, entrasse n'um caminho mais de accordo com os seus interesses. Mas com o sr. Prinetti a dirigir a politica exterior, podem os liberais italianos estar certos de que continuarão para o paiz as mesmas difficuldades financeiras e politicas, que quasi teem comprometido a grande obra da unificação.

Para esquecer que ás difficuldades financeiras e de politica internacional, se juntam como factor constante de perturbação as difficuldades propriamente internas, originadas pela situação do papado e pela sua attitude intrinseca em face da Italia unificada. O Vaticano é um elemento dissolvente em meio da nação, que aspira a reconstituir-se. Uma vez pela opposição franca e declarada, outras pela intriga encoberta e habilidosa, constitue a siziaia mais perigosa para a consolidação da unidade nacional. E o peor é que a dynastia de Saboia não tem meio de encontrar uma solução a este estado de cousas, quer por meios conciliadores, quer por meios violentos. Para os meios conciliadores perdeu-se a oportunidade, e deixou-se agravar o dissidio por trinta annos de mutuas represalias. Para os meios violentos ha o fundado receio de que elles possam produzir resultados contrarios.

CONSIGLIERI PEDROSO.

# O MATADOURO DE LISBOA

N o seu genero, é um estabelecimento modelo que rivalisa com os congeneres do estrangeiro, e a perfeição que os diversos serviços alli atingiram, deve-se, sem duvida, ao fallecido inspector Sabino de Sousa que, sobre ser um veterinario distincto, era um homem muito culto e uma intelligencia brilhante.

Situado até aqui n'um extremo da cidade, pela abertura de novas ruas umas projectadas e outras já feitas, ficará quasi no centro da cidade, o que dificultará um pouco o alargamento do edificio, um tanto acanhado já para o movimento de hoje.

Esse edificio, construido por diferentes corpos, tem no conjunto a fórma rectangular, occupando uma superficie de 13.200 metros quadrados. A fachada principal, olhando para o sul, compõe-se de dois corpos eguaes divididos por um corredor de entrada que vae até á casa da matança. Nesta, a parte inferior é occupada pelas repartições, a superior serve de habitação ao almoxarife e ao fiel. Nos outros corpos estão a casa da matança, os estabulos, as officinas de fusão de sebo e de preparação de sangue, tripas e miudezas, casa de pesagem, palheiro, depositos de carne, talhos, vestiaria das operações e officinas de carpinteria e serralheria, de algumas das quaes dá ideia a objectiva do nosso collaborador photographico.

E para que essa objectiva possa ser bem comprehendida e apreciada, deve fazer-se a historia do gado desde que entra no matadouro até que sahe.

Sigamos as vitellas e os carneiros. Em geral entram diariamente em numero de quarenta as primeiras e cem os ultimos, pela manhã, depois de transitarem pelo mercado do Campo Grande onde lhe fazem a primeira inspecção.

Pelo regulamento, todo o gado deve ficar 24 horas no matadouro antes de ser abatido, mas como ás vezes ha falta de carne, é morto no proprio dia, ficando no entanto nos pateos até ao momento de ser conduzido á balança, para o peso em vivo, peso que serve para a liquidação do imposto de consumo cobrado pela alfandega e da quota de proporção que o matadouro percebe pelo seu serviço. O gado lanigero não é pesado em vivo, por que é livre de imposto e a quota paga por cabeça.

Os bois e as vitellas, depois de pesados, são



conduzidos á casa de matança que tem a fórma rectangular e mede 50 metros de comprimento por 34 de largo, dividindo-a em cinco naves, largas columnatas de ferro, em cujas argolas se prendem as rezes logo que são abatidas. Nos angulos d'esta casa, ha quatro divisões que servem as do norte para a matança dos vitellos e do gado dos israelitas e as do sul para os carneiros. Extensos pateos dividem os corpos do edificio, e largos subterraneos que communicam por escadas de pedra com o resto do edificio, applicam-se á arrecadação e salga.

Uma linha ferrea atravessa todas as dependências, girando sobre ella carros de ferro para transporte de varias miudezas das rezes, cada uma das quaes tem a sua preparação especial.

O processo da matança é o denominado do jugo. Consiste em fazer a secção da espinhal medulla, por meio de uma faca triangular e aguçada (faca de jugar) cuja lamina o operario introduz no espaço que fica entre o occipital e a vertebra atlas. Vibrado o golpe, o animal cahie como fulminado, e novamente o sacrificador lhe introduz a faca no canal rachidiano. A agonia do animal não passa de 3 minutos.

Procede-se logo á sangria, usando uma outra faca (faca de



Porcos para a matança



O chamuscado

sangrar); e depois á esfoladura, com a faca de branquear, que tem a fórma triangular, sendo o gume convexo no terço anterior.

A morte dos carneiros é diversa. São jugados com uma haste de ferro afiada que lhes fere a espinhal medulla, e depois são sangrados por degolação.

Antes de se lhes dissecar a pelle, e ás vitellas, são assoprados por meio de um folle.

As operações que se faz ao gado morto são por sua ordem, a extracção da lingua, estomago, intestinos, suspensão, frossuras e depois o esquartejamento, marcando-se depois a tinta preta em cada um dos quartos em que se divide a rez, e em cada uma das vitellas e carneiros, o numero dos talhos a que são destinados, não, é claro, sem soffrerem um exame



Carregando a carne de porco

especial dos medicos veterinarios. Quando estes lhes encontram lesões microscopicas caracteristicas de alguns dos morbos especificados no regulamento sanitario, destroem-as com acido sulphurico e depois essa carne é enviada para o guano. A lesão mais vulgar nas rezes é hoje a tuberculose que infelizmente se vae alastrando de anno para anno.

Só depois d'esse exame é que as carnes são levadas á balança para determinação do peso limpo, peso que é a base da liquidação do custo da rez, e seu rendimento.

Os despojos das rezes que se não vendem nos açougues,



Taího ambulante

prensa, fragmentado em nova calandra movida a vapor, esfarelado em moínhos e posto enfim a secar n'uma estufa; as pelles salgam-se com sal commum.

Muitos d'estes despojos, preparados no matadouro tem merecido em diversas exposições internacionais premios muito honrosos.

Findos estes serviços, os patos e as officinas são lavados e desinfectados.

Junto do edificio hoje dirigido pelos srs. Joaquim Ignacio Ribeiro e Antonio Augusto dos Santos, ambos lentes distinctos do Instituto de Agronomia, ha em construção provisoria, que não merece por isso ser descripta, o matadouro do gado suino.

Ha ainda, no emtanto, uma installação digna de registro: é o gabinete de analyses microscopicas e bacteriologicas, do qual é conservador preparador o veterinario sr. Julio Pimenta Rodrigues. E' n'esse gabinete que se faz com uma regularidade systematica o exame trichinoscopico da carne de todo o suino ali abatido, carne que carece de uma observação minuciosa por causa da *trichina*, microscopico cuja existencia na carne é o bastante para que esta seja perigosissimo elemento morbido, constituindo portanto a sahida de



A morte do boi

excepto as frossuras e cabeças, são retirados da casa da matança para as diversas officinas e depositos. Vão para lá os estomagos, as mãos, as tripas, o sebo, que são producto do commercio dos tripeiros; o sangue, as pelles e os chifres, que ficam sendo propriedade dos donos das rezes.

A preparação de todos estes residuos é muito curiosa. Dos estomagos extrahem-se o epithelio e a gordura, de fórma que as membranas musculosas e a mucosa fiquem completamente limpas para poderem ser utilizadas na alimentação publica; as mãos de vacca e os pés de vitella e carneiro são submettidos á acção da agua quente, raspados e desunhados; as tripas preparam-se despegando os intestinos das mesenterias e despindo-as das membranas sorsa e muscosa, ficando portanto reduzidas á tunica muscular a qual, depois de limpa, constitue a chamada tripa do commercio; o sebo é refinado pela acção combinada do calor e de um alcali, em vasos fechados, processo de fusão este muito salubre e rapido; o sangue é cosido até coalhar e se libertar da agua, sendo depois comprimido fortemente em uma



O homem das frossuras



O boi morto

gado n'essas condições um verdadeiro crime.

Chegamos á matança do chamado boi de judeus, systema especial adoptado pela colonia israelita, sob pretexto de que o soffrimento do animal é menor e de que portanto a sua carne mais bem sangrada tem maior duração. O que parece averiguado é que em Vienna e em S. Petersburg, pelo menos, o estudo d'esse systema deu preferencia ao usado em Lisboa.

Os israelitas usam degollar a rez com faca muito polida, extremamente afiada, cortante, e de lamina perfeita; degollam-n'a de um só golpe, com a rapidez



Carregador de carne



A morte dos carneiros

do relâmpago cortando ao mesmo tempo ambas as guelas da rez. O exame sanitario é igual ao que se segue para todo o gado.

Uma photographia, tirada na occasião da morte de um d'esses bois destinados à alimentação dos israelitas, dá melhor do que o poderíamos fazer, a idéa d'esse acto que reveste tambem uma certa cerimonia, porque a elle presidem representantes da colonia.

Em paizes onde as congregações israelitas são mais numerosas usam-seapparelhos apropriados, os quaes, pelo seu machinismo e funcionamento, obrigam o animal, na occasião de ser abatido, a uma grande immobildade sem dependencia do systema de amarração usado em Lisboa.

Os israelitas orthodoxos são intrasgentes acerca da alimentação e não transgredem de forma alguma o seu precepto. Uma vez que um illustre vereador se lembrou de propor em sessão camararia a prohibição de matança de bois aos judeus em Lisboa, o caso ia tomando serias proporções, estando dispostas umas poucas de familias, mais arregaçadas ás tradições da sua religião, a sahirem da capital.

Eis rapidamente, e muito a correr — para que a breve noticia da nossa visita ao matadouro possa dar ao leitor uma impressão segura dos varios serviços, sem o cançar, — descripto um dos estabelecimentos publicos mais bem montados que existem no paiz, sem lisonja. Esta mesma foi a opinião do es-



A saia das peles

trangeiro, quando ha bastantes annos, o seu reformador, o illustre veterinario Joaquim Eleuthero Sabino de Souza, a quem já nos referimos no principio d'este artigo, publicou um livro descriptivo curiosissimo, em portuguez e em francez, *L'abbattoir municipal*, onde todos os serviços scientificos são

magnificamente narrados.

A nossa curta visita foi auxiliada com os pormenores que ao longo d'este artigo transmittimos ao leitor, fornecidos pela amabilidade de um dos mais distinctos empregados municipaes, ao serviço no matadouro, o sr. Constançio de Oliveira.



A morte da vitella

sem ebrogarem a accordo, como sempre succede; consultaram-se abalados alfarrabios de therapeutica; as barbatanas incansaveis rabiscaram um milhão de receitas milagrosas, e todas as tisanas se serviram. Baldado intento; a soberana extinguiu-se; e afinal os focinhos dos sabios, n'um fregoito de piedade e desgano, tiveram de ser francos, de declamar que a sciencia — já n'aquelle epoca se enchia a bocca com a sciencia — que a sciencia nada mais podia fazer, e que um angustioso desfecho era de esperar se.

Do seu leite de enferma, de entre os *futon*, as fôfas colchas de setim, agita as tremulas patinhas a rainha; chama junto de si o esposo, e diz lhe estas palavras ao ouvido: — «Uma só coisa me salvará: arranquem e fiquem a um macaco vivo, e consistam que o devore; recuperarei a saude...» — O rei não pôde reprimir um gesto de surpresa, quasi de enfado, e todo se lhe erriçou o bigode facanhudo: — «Um figado de macaco! está louca, minha querida!...» — Ella prontamente reirrou: — «Louca, porquê? Vossa magestade esquece porventura, que nós, o grande povo dos dragões, no mar vivemos sempre; em quanto que os macacos, muito longe d'aqui, vivem na terra, nos bosques, entre as arvores, nutrido se de fructos... No figado do mono alguma coisa virá que participe d'esse mundo, tão diverso, tão outro; e essa partinha extranha, senhor, me salvará!...» — E a rainha, a quem as lagrimas acodem, prosegue n'um tom reprehensivo e lastimoso: — «Uma insignificancia, um nada, pedl, e esse nada vossa magestade me recusa. Julgava merecer-lhe mais affeitos. Dispa-me d'estas pompas de soberana, não as quero; dê a corôa

## A alforreca

FALLA a lenda japoneza. Antiguamente — e quem sabe se ainda hoje! — no seio do oceano era o reino faustoso dos dragões. Por longos annos, o senhor d'este reino, o dragão real, viveu celibatario, n'uma existencia descuída; e sabem só os deuses, e não nós, quantas noites de dissipação, em companhia de tartarucas e de lagostas ligeiras de costume, que lhe cantavam trevas ao som do *shamisen* e lhe iam servindo o *saké* em ricas taças, quantas noites elle passou em travessas intimidades amorosas!...

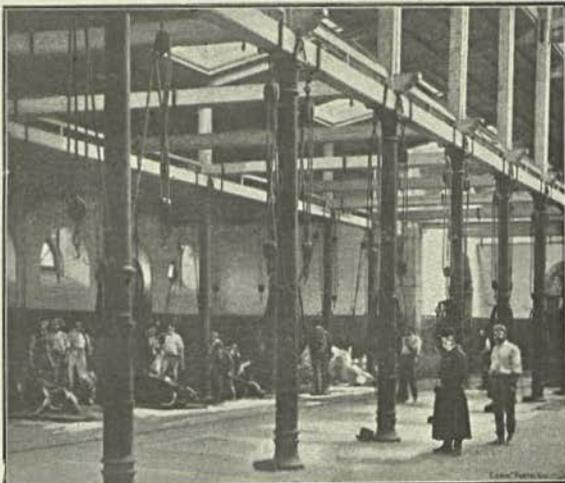
Verdores, que passam breve. Um bello dia, resolveu casar se, o bom soberano. A noiva escolhida foi uma joven dragãoeita, de dezesseis annos penas, adoravel, digna pelos seus mil encantos de ser a consorte feliz de tal senhor. Esplendidas foram as bodas por essa occasião, segundo consta: sem já falar na côrte intima, toda a bicharia aquatica, peixes, mariscos, moluscos, todos vieram proccionalmente em cardumes, em bellos *kimonos* de sedas encarnadas, offerecer seus respetos e presentes; e foram, durante longos dias, occupados regabofes, em danças, em musicas, em banquetes...

Mas nem os dragões escapam ás duras provações da existencia! Ainda bem um mez não se passára, quando a augusta soberana caiu doente; e taes cuidados inspirou desde logo o seu estado, que era uma lastima observar as trombas compungidas dos fidalgos, commentando baixinho, em lamentações do seu officio, o triste caso. Reuniram-se os doutores em consen-

a outra esposa, mais digna, mais formosa; consinta que volte ao ninho carinhoso de meus pais... — A voz sufocava-se em soluços, não pôde mais proferir uma só palavra...

O rei dos dragões não queria passar, entre damas, por um dragão cruel; por demais conhecia elle os caprichos pueris do sexo frágil, mas perdoava-os complacientemente por systema; e sobretudo adorava a esposa, cujas lagrimas desejaria pompar a todo o transe. Satisfaça-se pois o carricho da rainha. Mandou chamar a sua escrava mais fiel e dedicada, a alforreca, e disse-lhe o seguinte: — «Vou dar-te uma espinhosa tarefa, minha velha, mas cuido na tua dedicação nunca mentida; preciso que emprenhadas uma longa viagem, que vades até junto de terra, e alli convences um macaco a vir comigo a estes meus reinos; fala-lhe, para o resolveres, da magica belleza d'estes sitios, tão diferentes dos seus, e da gentileza d'estes meus subditos felizes: mas o que eu realmente quero, n'este caso, é que se arranque o fígado das entranhas de tal mono e se sirva como medicamento á tua jovem ama, que, como de certo sabes, se acha em perigo de vida, a desditosa.»

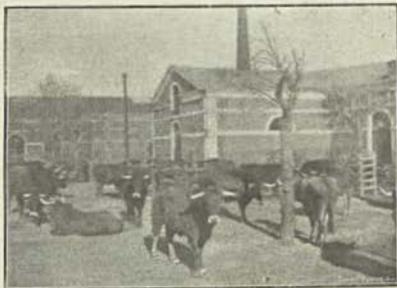
Lá vae, oceano fóra, vento em pópa, a alforreca, emissaria obediente e ufana do encargo. Por aquellos tempos, a alforreca, como qualquer bicho das aguas, era um animal gracioso, de contornos esbeltos, com cabecinha, com olinhos, com molinhos, e com a competente cauda trillante; ficava-lhe tão bem o fato de marujo!... Lá vae oceano fóra, oibar sereno e copulador, rompendo a vicerosa bragada a cada fria. Não tarda muito a abeirar-se do paiz onde vivem os macacos; por felicidade, um slem está, um lindo mono, saltando de ramo em ramo, de pendurando-se das arvores que enraizam nos penedos e se debracam sobre o mar. — Bons dias, senhor macaco. Eu venho aqui expressamente para falar-lhe d'um paiz longinquo muito mais bello do que o seu; é elle situado alem das ondas e conhecido pelo reino dos dragões; alli não ha estações, é eterna a amenidade do clima; alli, nas copas das arvores repolbudas, constantemente amadurecem avelludados frutos saborosos; é colheita, não ha outra tarefa; para cumulo do conforto, essas creaturas mal-farjadas, homens chamados,



A casa da malanca

alforge de peregrino, um empellico, que elle costumava pôr de parte durante o dia, para se entregar mais á vontade aos seus exercicios de acrobata; hábitos de familia, já seu avô fazia o mesmo; e concluiu, que o melhor que tinha a fazer n'este momento era voltar-se para tras, e na arvore encontrariam o fígado em questio.

Não pôz objecções a nadadora. Voltando á terra, o macaco saltou ao castanheiro com uma liciteira nunca vista, nem mesmo entre macacos, acompanhando o pulo d'uma alegre careta e d'um gesto que tradizia o jubilo do destino, coisa que passou vitoriosa á alforreca. Procurou entre as folhas o seu fígado. Não o encontrou. Explicou então do alto á alforreca, que provavelmente algum companheiro o levára para longe, o que o obrigava a mais demoradas pesquisas pelo bosque; no entretanto, que fosse ella contar o caso ao seu senhor, que devia estar susciço por vel-a chegar antes da noite.



Boia para a malanca

«O macaco abeu gracioso isso de ir vêr nos paizes. Vá lá mais esta extravagancia! é conta da bohemia simiesca. — Ao largo, amiga! — E lá foram os dois; porém, a meia travessia, pensou tardiamente o mono na temeridade do seu feito, expondo-se assim ao arbitrio de um estrangeiro e abandonando a sua patria. Decidiu-se em fim a perguntar: — «Que pensa você que vão fazer de mim na sua terra?» — A alforreca deveria agora ser discreta, escapatar as respostas em evasivas; mas oíam lá o que ella deu em troco: — «Eu lhe digo: meu amo, o rei dos dragões ordena ao senhor macaco que arranque o proprio fígado, o qual vae ser servido á nossa soberana, hoje enferma, e salvi-a da morte.» — Então o mono, guardando para si os comentarios que o caso suggeria, disse cortemente, que era para elle uma alta honra e um inesperado praser, e assim tornar-se útil a sua magestade; accrescentou porém que agora se lembava de ter deixado o fígado pendurado n'um tronco de arvore, aquelle mesmo castanheiro d'onde saltara para as costas da alforreca. Continuou discorrendo em linguagem fluente, de orator cicerão, descrevendo a esplanada minuciosamente e explicou como o fígado era uma coisa bastante pesada, embaraçosa, um quasi

dia um bando dos seus mais soberbos samurais, e ordenou-lhes que machucassem no bicho á pancada, até caçarem. O castigo foi cumprido, e com esse vigor de braços villosos, que mitam aos applausos do monarcha. E' esta a razão porque a alforreca, hoje em dia, não tem pernas, nem cabeça, nem cauda, nem barbata; tanta pancada levou que ficou reduzida a esta miseria, mas a infame, um farrapo, um pedaço de gelatina, boiando desprezivelmente á mercê do turbilhão das vagas.

Com respeito á soberana, reconhecendo no disparate do seu capricho, concluiu que o melhor que tinha a fazer era erguer-se da cama e pôr-se boar; e assim fez, com grande pasmo dos doutores.

A historia da alforreca está contada, na sua simplicidade commovetada. E' veridica esta historia, como tudo que o povo relata de memoria; creia n'ella quem crê. Fica-se lá sabendo, no entretanto — e é isto d'um proveitoso ensinamento —, que os japonezes, tão prodigamente propensos ao perdido para tantos peccadilhos de alma e de costumes, castigam os patotas.

Diga-se francamente: esta desgraça da alforreca, no paiz do sol nascente, era inevitavel; e o caso presta-se a interessantes comentarios, que eu vou resumir em poucas linhas. Os japonezes — povo de artistas — são os maiores amadores da criação, da for-



Edifício do Matadouro

da, da vida; ninguém como elles conhece os segredos da ave, do insecto, do reptil, do peixe, do molusco, do verme, de todos os seres da terra; a animalidade graciosa d'esses seres, estudada com percepções especiaes, que nos escapam, constitue o thema mil e mil vezes variado, dos seus primores de arte. Mas esse monstro, essa deformidade, essa alforreca, que se apresenta como unica excepção da lei geral da gentileza da vida,



O boi dos judeus — A morte



O espiacimento

Nabuco nas illuções, Balthazar nas evidencias.

E' prerogativa dos talentos sublimes fazerem, de mutua relação de idéas, que umas com outras fidelissimamente se correspondam.

D. Francisco Manuel de Mello.

Um dos grandes problemas da hora presente é conseguir conciliar o amor e o serviço da patria com o amor e o serviço da humanidade.

Ernesto Lavisse.

## EDUARDO GONÇALVES DA COSTA

EM plena força da vida, foi traiçoeiramente ferido pela morte, em uma d'estas madrugadas, quando depois de algumas horas de franco cavaco e alegria com alguns intimos no *Café Aguia d'Ouro*, regressou a sua casa da Batalha. O Porto estimava-o muito, e com razão.

Todos os primores de um coração bondoso — a generosidade — a philantropia — a caridade — o desinteresse — possuía em alto grau Eduardo da Costa, que era irmão do illustre negociante de Manaos o sr. Francisco Costa Porto, um dedicadissimo propagandista das cousas portuguezas, que lá longe não esquece a sua patria nem os seus patricios. Eduardo Costa era sobretudo um generoso. Na politica militou sempre, como *dilettante*,

por si, como afficionado, pelos outros. Era um luctador e apreciava os combates politicos, mas para se retirar vencido ou vencedor, sem nunca pensar no premio da victoria ou nas compensações da derrota.

Enthusiastico admirador do actual ministro dos Estrangeiros, quando este entrou na vida politica, trazendo para o parlamento as altivas qualidades de tribuno, ficou sempre aavez de tudo um dos seus mais dedicados.

Pouco tratava dos seus negocios, porque para viver bastava-lhe o que tinha, mas em compensação tratava immenso dos negocios dos outros, aos quaes sempre pensou de servir e ser util.



† em 14 de Fevereiro

## O GENERAL ANTONIO DE CAMPOS

O illustre militar que falleceu a 13 de fevereiro, era commandante da 1.ª divisão e um dos generaes mais novos do nosso exercito; quem o visse apurmad e direito, atravessara a cidade, no seu cavallo, não diria por certo que tão cedo a morte o fulminaria. Disciplinador e energico, affavel e bom, era a um tempo querido dos superiores e dos subordinados.

Morreu com 60 annos, mas parecia muito mais novo. Filho de Antonio Caetano Coelho de Campos e D. Vicencia Josephina Fonseca e Almeida, assentou praça como voluntario em 1850. Foi, durante a sua carreira militar, promotor de justiça da 2.ª divisão, commandante de cavallaria 9 e 2, ajudante de campo effectivo de El-Rei, commandante da arma de cavallaria, chefe da commissão de recenseamento de animaes e vehiculos da 2.ª divisão, deputado na legislatura de 1895, vogal da commissão encarregada de estudar o plano de organização da escola do exercito, e outros, 2.º commandante da 1.ª divisão e por fim seu 1.º commandante.

Tinha as grã-cruzes de Aviz, e merito militar hespanhol e a medalha de comportamento exemplar.

Era irmão do illustre poeta Luiz de Campos, um dos representantes mais lidimos do Parnaso, e deixa viuva e tres filhos.



† em 13 de Fevereiro

# Historia do batel Vae com Deus



e da sua companhia

## TIRAR DAS REDES

**O**s pescadores, sob o sol que rutila, vão alando as rédes. Uns puxam-n'as, outros arrancam da malha os peixes maiores e mais vivos. Armados com um bicheiro, uma vara com um gancho de ferro na ponta, desancam dois congros enormes de dentes afiados — e tantos! — como agulhas e que se debatem n'um desespero. Tudo encharcam as redes cheias de algas e a lufa-lufa e enorme. Gritam, gesticulam — e o peixe vae pouco e pouco enchendo o fundo do barco, reluzindo e saltando como prata viva. Todos molhados, de barbas vivas, as pernas nuas e os braços á mostra, a navalha em punho para marcar o peixe das suas redes, formam um quadro agitado, quasi feroz.

E o peixe vem vindo, salta no cavername negro, entre agua do mar e filamentos verdes das algas. São as pescadas, de dorso listrado e negro, os ruivos dourados, os bonitos, os capatões ferozes, de boccas escancaradas e grandes olhos fixos, frementes e debatendo-se presos pelas guelras nas malhas das redes que os homens vão arrancando do mar. Onde a onde vem preso um caranguejo, que passeia no fundo do barco, de ferros erguidos, ameaçador, ou uma aranha do mar medonha e tropega, e, espandando a agua e arrombando as redes, uma toninha tremeluz negra e com o ventre polido.

- Eh pae! tanto peixe!
- Tanto que lá vão as redes!
- Quanto?
- Pra ahí dois centos... Eu sei!...
- Louvado seja o Senhor!

Depois apparecem os peixes do fundo, solhões enormes, raías. Santos Antonios pequeninos, rudovalhos. E a cada rede que entra no barco é uma algazarra enorme. Em todas o peixe se debate, abundante e vivo.

As redes são diferentes: ha as da pescada e as do ruivo, as do savel, que se chamam quartos, os lampreiros, as redes de malha pequena da sardinha. São, com os barcos, a unica riqueza do pescador. Cada homem tem em geral duas ou tres e do que com ellas tiram ao oceano pagam um quilhão ao barco: de cada duzia de pescadas uma é para o patrão do batel — e ha ainda um dizimo que se paga ao Senhor dos Navegantes para que os proteja. São em geral feitas de ticum e têm uma marca na corça para se conhecerem melhor. Lancam-n'as ao mar, amarradas umas ás outras e com uma grande boia presa nas pontas. Chamam-lhes a *caça* e d'inverno, para que se não percam, arrostam com a tempestade e dormem as noites ao pé d'ellas; de verão largam-n'as e voltam um dia depois á collas-as.

Tarde, poente. Içam a vela. — Oh ala! oupa! oupa! — n'uma toada triste, que a chiada da escota no moitão acompanha. Sob o panno no céu e o batel abica á terra bordejando para aproveitar o vento.

— Vamos lá, rapazes!

Sentam-se nos barcos e cada um vae tirando o peixe das redes e marca-o a golpes. O batel de pezado parece roncoeiro e, como o vento incha a vela, quasi mette a borda n'agua.

De novo apparece a terra — areaes, riscos verdes de pinheiros, toda a costa batida pelo sol, o pontão de Carreiros e a penedia negra onde o mar escachoa, agitando nas fragas o seu cabelo branco. Destacam-se as casas, as povoações requemeadas do ar do largo e muito longe, ethereas, como nuvens pousadas, as montanhas violetas.

Approxima-se o barco. Os homens descancam, deitando se, encharcados e n'uma fadiga enorme. Têm sarçãos na cara, nas barbas, e as mãos, os braços curtidos e salitrosos. Respiram com soffreguidão o ar forte. O moço olha e vae comendo um resto de borã do seu cesto.

— Quantos centos, sê Manuel?

— Dois centos, rapaz, dois centos — Então temos de cantar o Bemdito?

— Pois temos...

E' o ultimo bordo. Avista-se a barra, a ponta do cabedello, e o pharolim onde o sol rebrilha. No caes distinguem-se mulheres esperando.

— De pé! de pé! heria o arraes. Tiram os barretes e, já na mansidão do rio, tendo dobrado o bico do areal, onde um bando de gaiotas esvoaça empoadando de branco a quietação do azul, põem-se de pé, entoando:

Bemdito e louvado seja  
O Santissimo Sacramento...

Ha uma berraria no caes.  
— Quanto? quanto? perguntam.  
— O' Joaquim! o Manuel! quantos centos?

O mocinho vê a mãe, toda de negro, acenando-lhe do caes e alegremente exclama:

— Dois centos! dois centos!  
Uma aclamação e logo os homens fortes, cansados, cheirando a mar, com a caverna do barco atulhada de peixe, de novo entoam:

Bemdito e louvado seja...



A vista de terra

A vela, tombando sem vento, destaca-se ao céu em brazo. Ao longe mais velas, catraios, lançhões, bateis, vêm entrando em fila, recolhendo com a noite, alastrados de peixe, tendo tirado do mar o sustento dos homens.

— Louvado seja o Senhor pela fatura!

Atropellam-se as mulheres correndo, com as canastras á cabeça. Nas linguetas vae já uma balburdia enorme, e gritos, pragas, algazarra. De escuro com a saia encascada e a perna á mostra, salpicadas de agua, o mulhero clama:

— Tanta fatura! tanta fatura!...



Na praia

Assim entram os barcos. Tudo o poente se esbraseia. Nuvens esfarrapadas debruçam-se de fogo. O sol todo o rio sai n'aquelle instante da forja e ao mergulhar no oceano amargo vae explodir. Ha tintas de prodigio no horizonte, campinas verdes, nuvens com formas monstruosas, todas ensanguentadas, e recantos cheios de paz onde uma estrelinha já arde. Sobre o mar cabe uma chuva d'ouro, um pó fino e doirado, que se mistura com a evaporação verde do oceano. As ondas acalmam — e, do lado de terra, por traz d'um tufo de pinheiros solitarios, sobe a lua pallida e esplendida. Atracando ao caes ainda se ouvem as vozes dos homens cantando

... o Santissimo Sacramento...

O peixe atira-se para a lingueta aos montões, separando-se os ruivos, as pescadas, os bonitos. O quinhão de cada homem é quasi sempre vendido pelas mulheres e pelas raparigas, que, de perna nua, agaçadas, n'um passinho miudo e rapido, partem apregoando para a cidade.

— O meu quinhão! diz o moço, mostrando à mãe os peixes que lhe couberam.

E a velha, agarrando o filho, olha-o com lagrimas. Se o destino se mudasse com lagrimas!...

Escurece e no lago da lingueta as mulheres em grupos, à roda do peixe, discutem, berram, vendem e quinhão. Outras lavam as redes. Os pescadores nos barcos seguram n'uma ponta, ellas do caes na outra, e batem-nas na agua.

E noite. A lua sobe no céu e o rio tremeluz, prateado, com escamas. Luzem estrelas. Pela vieilla pedregosa a mãe, com o filhinho pela mão, vae ouvindo a narração da sua primeira ida ao mar — e como os peixes se debatiam nas redes — e o que o araes lhe disse — e como as aranhas passeavam no fundo do barco, que em tres bordos veiu apurar a terra...

— O mar! o mar!... Se o destino se mudasse com lagrimas!

RAUL BRANDÃO.

## Dr. Abel de Andrade

Novo ainda, tendo consagrado os melhores dias da sua mocidade a um estudo de profunda e constante meditação, entrou na vida publicá já com uma vasta obra entregue á publicação, obra d'incostavel valor principalmente nas sciencias juridicas. O seu nome, aureolado de sympathia e estima, já tinha sido exaltado com entusiasmo pelos graves conceitos da critica philosophica.

Sentindo a falta d'espaco e de tempo para uma rapida noticia das suas obras, limito-me por agora a indicar as que tenho a satisfacção de conhecer e possuir.

*A Synthese Cartesiana* — Influencia do cartesianismo sobre o racionalismo.

*Principios das Nacionalidades Critica Literaria.*

A parede e as minhas responsabilidades — Administracção e Direito Administrativo — A Joia de Deus, plaquette.

A Tuberculose, impedimento dirimente do matrimonio — Memoria apresentada ao congresso nacional de tuberculose — Critica Financial.

Comentario aoCodigo Civil Portuguez, tom. I, artigos 352.º a 443.º — Evoluçao Politica em Portugal — Cadeias dos annos reaes — A Vida do Direito Civil — A Pontuação de Direito Commercial, editados por um discipulo.

De quasi todas estas edicções exgotadas. A Vida do Direito Civil comprehende cinco opusculos de larga e variada erudição nas mais interessantes e difficis questões que actualmte provocam as atenções dos mais eminentes sabios do direito civil.

Estudo sobre a questao social — Natureza do Direito — Direito Social — Codigos do Direito Civil — Applicacões Antropologicas-sociaes.

Foi assim que, ainda em idade de paixões e descuidos, honrou as altas distincções que, na universidade de Coimbra, lhe conferiram as faculdades de theologia e direito.

Se tanto vale pela dedicacção com que tem trabalhado, pelo talento que tão preciosa produçoes lhe tem inspirado, mais vale ainda pelo caracter, sempre generoso para todos, leal em todas as circumstancias, recto mesmo no meio d'injustas e irritantes contrariacões.

Um dos eruditos e eloquentes oradores na festiva cerimonia do doutoramento do actual director geral de instrucção publica, Abel de Andrade, foi o doutor Assis Teixeira de Magalhães, que não daviu então exceder as formulaes singulas do estilo academico, mostrando que, para o seu elevado espirito, a

sympathia não é incompativel com a austeridade e que sabe abrilhantar com donaires as mesmas exigencias da disciplina. E certo que celebrou em primeira oração os merecimentos do candidato Abel de Andrade, que se apresentava então a solicitar um lugar no doutorado de direito. D'esta oração do sabio cathedrico são as notas biographicas, que vão em seguida.

«O seu talento e capacidade de trabalho, que foram sempre consideradas as qualidades caracteristicas da sua individualidade academica, foram postos á prova em 1886, quando se propoz fazer, n'uma só época, todos os exames preparatorios ante os jurys do lyceo de Braga, com o fim de poder matricular-se na Universidade. O exito que obteve n'esses exames deixou prever desde logo «a brilhante carreira que lhe estava reservada, porque conseguiu ser approved com distincção nos exames de litteratura, physica, chimica e historia natural, latindade e legislação civil; e com lauros nos restantes, isto é, nos de lingua portugueza, franceza, geographia e historia, desenho e philosophia.

«Em outubro seguinte matriculou-se no 1.º anno das faculdades de theologia e direito, em que deu as suas provas finaes, interrompendo em seguida o curso de direito, cujos estudos reatou em 1892 a 1893, depois de se formar em theologia.

«As classificações que alcançou nos seus dois cursos — theologico e juridico — são as mais elevadas que os conselhos academicos podem conferir, porque em todos os cinco annos de theologia conquistou premios pecuniaris, e em direito uma distincção, dois premios pecuniaris e dois accessits. As informacões de formatura foram, em theologia, Muito Bom com 17 valores, e em direito Muito Bom com 16 valores, que manteve no senacto de licenciatura. No exame de hebreu havia obtido approvaçao distincta.

«Poucos estudantes, de entre os mais benemeritos por talento e estudo, chegam a este logar laureados com tão numerosas e tão elevadas classificações. Da carreira academica passa o illustre cathedrico para d'escritor e exprime-se n'estes termos:

«E, se as suas primicias de escriptor procuraram a modesta estrea do jornal, em breve a largueza do livro foi escolhida para campo adequado á exposicção desenvolvida das doutrinas e ao firme criterio d'uma orientacção definida. «A lista das suas obras é extensa; não me proponho aqui enumerar-las, quanto «mais apreciá-las...»

E termina recommendando tão distincto candidato, já mesmo como funcionario publico d'elevada categoria.

«Finalmente o senhor Abel de Andrade entrou na vida publica continua o doutor Assis Teixeira de Magalhães «depois de ter obtido em um difficil e disputado concurso a primeira e mais distincta classificacção, exercendo com rara competencia o logar de secretario geral do governo civil de Santarem; e côm-me agradavel afirmar que o ultimo governador civil d'esse districto, e meu prezado amigo, o excellentissimo senhor Francisco José Machado, em documento espontaneo e muito honroso, testemunhou o seu profundo reconhecimento pela «maneira intelligente, leal, digna e briosa, com que o senhor Abel de Andrade «o coadiuvou em todos os ramos de serviço submettidos á sua escolaredade e sabia «apreciacção — palavras textueas do illustre magistrado administrativo.»

Como orador, só se prejudica o doutor Abel de Andrade pelo empenho de ser profundo nas questões de que haja de tratar. Estudada a todas, desde as suas origens, nas suas diversas phases, atravez de varios accidentes, considerando todas as hypothesees, procurando e distinguindo todas as soluçoes, e mantendo com escrupulo a prohibicção scientifica. Ficou com este habito adquirido desde os seus primeiros estudos.

A sua rapida passagem pelas cadeiras de faculdade de direito ficou brilhantemente assignalada pelas proleções, das quaes muitas estão publicas. Já deihei indicada uma, e lembro-me ainda das d'economia social.

Forte pelo caracter, d'immaculada consciencia, talento vigorado e polido por seguro estudo, é homem de poderosas faculdades de trabalho, de efficas actividade e de altos sentimentos.

Elevada posicção occupa já na instrucção nacional, na administracção publica e na politica. Ha de proseguir em brilhante carreira, sempre querido de seus amigos, sempre estimulado de seus adversarios, por uns e outros admirado. E, quando for seu conhecido nos dotes que li encontrei em a alma, nas generosas aspirações que o inspiram e animam, terá certamente adversarios politicos; mas nenhum homem de consciencia honesta será seu inimigo pessoal.

Coimbra, 1901.

ALFREDO DA ROCHA PEIXOTO.



## Viuva

E' talvez a mais triste das viuvias:  
Na outra orla alegre e limpida pupilla  
Hoje o vinho das lagrimas scintilla,  
Vinho aradavel das mais finas uvas.

Conduz calçadas no grilho das luvas  
As mãos de opala e transparente argilla;  
Occulta a face pallida e tranquilla  
No véo, neblina das manhas de chuvas.

Essa alegria passaral dos noivos  
Foi para ella tão fugaz, tão pouca,  
Morreu-lhe a crença amortalhada em goivos...

A noite n'alma, a noite na madeira  
Beijando a espada em caracões, e á bocca  
O Stradivarius tremulando da queixa!...

Manóes.

JONAS DA SILVA.

# MATER DOLOROSA

A JOSÉ VILLAS-BOAS

**A**QUELLE amor da Luiza pelo seu filhinho tocava as raíças da idolatria! Ella não conhecera pae nem mãe, a Luiza, nem sabia ao certo onde tinha nascido; e virgem de affectos, por não ter, afinal, a quem os dedicar, percebia agora que nem ao pae do seu filho dera a menor parcella do seu coração, — comquanto n'esse breve periodo do derricho que durara apenas o mez das vindimas, pensasse amal-o com todas as véras.

Aquillo principiara pelo pedido de um beijo, — e lembrava-se de lhe ter respondido:

— Ah, não, rapaz! Isso de beijos é como ás castanhas: quer-se que caíam de maduros!

Mas dera-lh'o, afinal, e illudira-se! Illudira-se como elle a illudira; e abandonada por elle não tardou nada, tambem ella o esquecera, quasi contente, — p'ra viver só para o seu «anjinho».

Esse sim, era bem d'ella, porque o gerara nas suas entranhas; — e em paga, era agora o seu filho a luz dos seus olhos e toda a alegria do seu coração; — mas vél-o assim a soffrer tanto, de dia e de noite, e a mirrar-se-lhe nos braços cada vez mais, parece que lhe levava aos pedaços o coração, — e nem já lagrimas tinha, a Luiza, para chorar. . .

As visinhas diziam-lhe, ainda não havia muito:

— Credo, mulher! Tanto beijo! Com tantos beijos que dás no pequeno, assim até lhe chupas as côres!

E parece que sim, — porque de viçoso que era tornara-se murcho, e já o José Bernardo, chamado p'la mãe p'ra lhe receitar, lhe dissera na vespera:

— Olha, sabes que mais? Pensa n'outro, que esse está prompto.

Fôra como se a apunhalasse no coração, o José Bernardo; porque ella mesma, a despeito de se querer enganar, quasi perdera a esperança havia dias, — e sentia se morrer tambem.

— O' snr. José Bernardo! mas isto, assim é sem remedio?! — ainda ella perguntara ao barbeiro.

— Já te disse. Arranja outro, que esse está prompto. Como a ferira aquella crueldade!

— Mas venha sempre, snr. José! — supplicara ella; e elle respondera-lhe que não voltava «porque era escusado».

...E precisamente porque não voltara, esse dia tinha decorrido todo ainda mais triste, — sem vér ninguém, sósinha com a sua dôr e a dôr do seu filhinho doente...

A casa, ademais, ficava n'um desladio da povoação, e poucos por ali passavam senão para as hortas. Parecia tambem esquecida, a propria casa; e ella, com a sua dôr, p'r'ali esquecida tambem, — parece que até de Deus!

E todavia, elle resava-lhe;



e o tempo que não levava a amimar o filho, e a agoniar-se d'essa agonia em que se definhava, e ella tambem, levava-o com o pensamento posto em Deus, — a resar-lhe com todo o fervor:

— «Padre Nosso, que estaes no céo, santificado. . .»

Agora, como a tarde ia baixando, e a casa não tinha para a allumiar senão a porta, viera para a porta com o filhinho nos braços; — e sentada no limiar, com os joelhos a fazerem de berço, dava-lhe ao menos, já que mais não podia dar-lhe, a doçura serena d'aquelle crepusculo.

O recanto, ademais, era pittoresco; — e já nas olaias visinhas, muito copadas, a passarada se juntava para o somno da noite, — e ella pensava n'aquellas mães que eram as andorinhas, e nos filhinhos d'aquellas mães, — «todos tão alegres!» . . .

— Mas alegres?! . . . Quem sabe lá! . . .

E pareciam dizer-lhe as andorinhas:

— Coitadinho do teu filhinho!

E os filhos das andorinhas:

— Coitadinho do nosso irmãosinho!

...E era assim ainda mais triste, esse cahir de tarde, — outros dias tão bonito, quando o seu filhinho tinha saude!

Elle mesmo já se sorria ao gralhido dos passaros; — e certo rouxinol madrugador, que todas as manhãs cantava na copa da olaia, já lhe parecia que vinha acordar o seu pequenino, dar-lhe os bons dias; e os beijos que lhe dava a essa hora, ella mesma, tinham ás vezes o rythmo d'esse chilreio, — e imitavam, de caso pensado, esse chilreio. . .

— «Mas ai, ai! Onde isso ia! Fôra hontem, — e já parecia tão longe!»

Agora, instinctivamente, lembravam-lhe todos os pequeninos episodios d'essa vida que pouco mais tinha do que



dois annos: — e quasi esquecida da sua dôr de agora, ia ás vezes a fazer-lhe essa «festa» de que o seu filho gostava tanto, e que consistia em lhe afagar a «covicha» atraz do pescoço, e dizer-lhe quasi com beijos:

— Pequenino, pequenino! Porque é elle tão pequenino?...

Fôra a essa «festa» que elle se sorrija a primeira vez; — e o que fôra esse sorriso, que lhe ficara vivo no proprio olhar, só Deus o sabia — só Deus! Fôra mais do que a felicidade: fôra o bem supremo e o supremo encanto: fôra Deus vivo! — E espiando-lhe o primeiro som articulado, o primeiro bosquejo da primeira palavra, antegosava já essa nova alegria — como um novo sorriso de Deus.

— «E um beijo?! E um beijo do seu filhinho?!» — Quando dará beijos o meu menino? — «Mas isso não o gosara ainda, esse bem celeste, nem, ai, o gosaria!»

... Já o estava outras vezes a vêr quando fosse maioresinho, a mexer se p'la casa como um «trambolho», n'esse balouço das creanças quando ainda não sabem andar; — aos ninhos mais tarde, já fortinho: primeiro a espreitá-los de baixo, depois a querer já marinar... E o rouxinol a queixar se-lhe:

— Olha que me anda com o cheiro nos nabos, esse maroto! Qualquer dia furta-me o ninho!

E ella, a rir:

— Deixa! Eu cá o espreito...

«Que bom! Que lindo! Como seria bonito! — E como seria «guapo» o seu filhinho, quando fosse já homem!»

Mas acudiam as tristezas: — Mas quando já fôr homem...

Vinha-lhe primeiro a tristeza de o vêr com a enxada ao hombro, á geira, ou ás cargas de lenha p'ra vender; depois as «sortes»: tirar a sorte p'ra soldado... — «Antes morte, que tal sorte!» — e depois, um dia, talvez casado...

Aqui ria-se, á lembrança de ver casado um dia o seu menino; — e cobria-o de beijos, e prendia-o com beijos, como se tivesse medo que lh'o levassem:

— Casado o meu menino?! A'gora casa! Ninguém me rouba o meu menino!

E já lhe fazia perguntas a esse respeito:

— O meu menino não deixa a sua mãe, ora não?! O meu menino nunca ha-de deixar sua mãe, ora não?!

... E com elle desabafava tristezas, mimando a voz:

— Sua mãe não tem mais ninguém! Sua mãe tem só o seu menino! Sua mãe não conheceu pae nem mãe! Sua mãe tem só o seu menino! O meu menino tem só sua mãe! — Ora sim? Ora sim?

E ella mesma respondia por elle, com beijos

— Sim! Sim! Sim!

... Oh, mas a realidade d'agora?!...

— Ai sonhos! Ai tolices! — dizia ella.

E sentindo desfazer-se esse castellino, — «quem sabe lá, dizia, se isto será até p'ra nosso bem?!»

— Morre, o meu filhinho?! Morro eu tambem! Vamos ambos p'r'o céu...

E quedava-se vaga, enlevada n'um sonho religioso:

—... p'ra todo o sempre!

Mas acudia a reacção humana: — «Não, não! O seu filhinho havia de melhorar, voltar á vida como era d'antes, tornar a sorrir-lhe como lhe sorria d'antes! Não, não!»

Uma visinha passara e perguntara-lhe:

— Então, Luiza?...

— Assim. Não sei. O que Deus quizer.

— Deus quer tudo p'lo melhor. E olha, Deus t'o leve. A vida são trabalhos.

«... E tivera filhos que lhe tinham morrido, essa mulher!... Seria possível a resignação?!... — Mas ella propria (lebrava-se!) quando morrera a filhinha da Ignez, dera-lhe tambem os «parabens» p'lo anjo: — «Sentimentos p'lo filho (como se dizia na terra) e parabens p'lo anjo!» — Tambem dissera assim... Oh, mas não era ainda mãe! Fôra cruel sem o saber!»

Percebia agora, em riscos de ter de ouvir o mesmo, que proferira uma blasphemia! — «Deus queria a vida; a vida era um dom de Deus...»

E resava, e rogava, e fazia promessas, — p'la vida do seu filhinho: — «Padre Nosso...»

Mas a tarde ia descaindo.

Um fresquinho muito suave dava á face pallida da creança a frescura doce que teem as flores. Parecia melhor. Só esses ossos das «fontes», cada vez pareciam mais encovados debaixo da pelle, — e os labios, arroxados, conservavam-se agora entrebertos...

Já as unhas pareciam roxas...

Abria ás vezes os olhos; mas faziam-lhe medo, agora, esses olhos do seu filhinho, que pareciam mesmo despedir-se d'ella:

— «Adeus...»

— Morre me, o meu filhinho! O meu filhinho morre-me! Vou ficar sem o meu filhinho!

... E teve, de repente, o pavor d'esse grito d'angustia que vira soltar a outras mães — quando lhes morriam nos braços os seus filhinhos; viu o amortalhado, frio e inerte, á espera que lh'o levassem; o sr. Abbade a vir por elle e a levar-lh'o; — a cova no cemiterio...

— Ai!

Teve um desmaio.

Quando veio a si, beijada pelo frio da noite, — frio de gelo estava o seu filho.

— «Morto!»

TRINDADE COELHO.



## REVISTA LITTERARIA

## O LIVRO D'UM PORTUGUEZ

Versos. E nada hoje nos surpreende mais que ver corações florescerem em poesia, espiritos deliciaes tomarem pelo caminho poético e cantarem o amor, a aurora, as rosas, a mocidade, tudo o que a vida tem côr de ouro, tudo o que embalsama e jovialisa a alma. Correm tempos floz prosaicos, apenas se abre o raciocinio e o sentimento se expande, tão ardidos e desconcertados problemas se impõem á vida moderna, que a mocidade estiola mal brilha, e cue logo dos corações juvenis desfolhada e secca a flor da poesia.

E porisso que do coração exultamos quando surge, e com todo o valor se revela, um poeta. Deante da obra onde se manifesta, figura-se ao nosso espirito que n'elle renasce e fulge a tradição artistica de toda a nossa raça, que nos seus versos canta a paisagem dos nossos valles e das nossas collinas, que o sol, o nesso sol claro e quente, doira, atravez da linguagem rythmica, as cumeadas das nossas montanhas, que a prateada e limpida agua dos nossos rios, correndo e saltando cantante, fecunda a terra que os margina e faz mais saborosos os fructos das arvores em que os passaros poizam um chilreudo alegre. Parece-nos, em summa, que é a alma de Portugal que revive na alma do artista, e basta-nos isso, essas horas em que o espirito se compraz haurindo de uma colmeia de versos todo o mel que d'elles se destilla, para nos reconciliar com os aspectos duros da vida, para evocar um pouco do azul da mocidade que desapareceu, para lembrar, para esquecer...

E injustos seriamos se não dissessemos que essa vida e perturbante emoção de arte acaba de nel-a dar um livro de versos sahido ha pouco dos prelos de Coimbra. Tem o titulo que ao alto d'esta columna se lê, prefacia-o uma carta de Silva Pinto e firma-o o nome de Celestino David, que a todos ou á maior parte dos leitores do *Brasil-Portugal* decerto apparece pela primeira vez.

Essa relativa obscuridade mais nos provoca o desejo de confessar que é injusta, porque quem escreve os versos que n'esse livro se lêem merece ser conhecido e divulgado.

Celestino David, que sabemos ser moço e academico da nossa Universidade, dedica o seu livro á alma de Cesario Verde. E esta dedicatória basta para revelar a afinidade de espirito entre os dois poetas. Ambos rejeitam os estreitos convencionalismos da arte, ambos procuram dar a maior emoção na maior simplicidade, e o rythmo é para ambos não um effeito procurado mas uma necessidade do espirito. Ambos cantam a paisagem, ambos encontram na alma as mesmas notas, ora joviaes, ora doloridas, e um quadro da natureza, uma figura de mulher moça e bonita, uma scena rustica, encantam-lhes por egual o coração e illuminam, n'um riso fresco e sadio, a mocidade de ambos.

Ha versos, não o occultamos, em que o auctor de *O Livro d'um Portuguez* não tem ainda a firmeza, a segurança, que tornam impecavel a obra de Cesario, fazendo d'elle o mestre indisputado n'esse genero tão seu.

Mas não esqueçamos que esse livro constitue as primicias de um talento, que muito promete, e que triumphar *au premier abord* não é vulgar e pode ser perigoso. Basta-nos fixar aqui o valor intellectual, e a sensibilidade artistica que esses versos representam, e basta enunciar a emotividade que elles communicam, para se ver desde logo que estamos em frente d'um poeta.

E como é pallida a nossa palavra escripta e a penna se recusa a traduzir o pensamento na sua intensidade, apreçiem com justeza os nossos leitores os versos que a seguir publicamos, e digam-nos depois se o nome do moço poeta de Coimbra não é dos que mais tem direito a figurar em paginas consagradas ao culto da arte, ao culto do bello.

J. Y.

## ROSARIO DE CANTARES

1

Somente p'ra vos beijar,  
Maria, quem ser me dera,  
A lagrima que se gora  
A dentro do vosso olhar.

2

As canções que vós sohaias  
Em noite escura ao balcão,  
Parecem, cachopas, ás  
Tiradas ao coração.

3

Mariquinhas, Mariquinhas,  
Os teus olhos d'encantar,  
Trazem pressas as alminhas  
Que inda mal sabem amar.

4

Se os beijos da tua bocca,  
Doce como o mel mais doce,  
Fazem a cabeça louca,  
Quem dera que eu louco fosse!

5

Não ha luto, raparigas,  
Como a que tendes no olhar,  
Quando passais a cantar,  
Pelas estradas, cantigas.

6

P'ra que somente tu saibas  
Minhas maguas de rapaz,

Quando em teu leito não caibas,  
O' mar, não voltes atraz.

7

Coração fala baixinho  
Não vão os olhos olhar  
Á dor que no peito aninho,  
Porque a podem vir chorar.

8

Vem de dentro a nossa magua  
Se os olhos p'ra lá se vão  
E trazem, desfeitos d'agua,  
Segredos do coração.

9

Moça! vinde vir, que encanto!  
Noras da Beira a chorar...  
Se tem olhos, o pranto  
Acaba por as ceagas!

10

Não ceagam, moça que choras,  
Disse-m'o minha avózinha:  
Não têm olhos as noras!  
Ai! toda a norra é cequinha:

## MAGDALENAS DOS RIOS

Dizei-me, ó noras tristes que gritaes,  
Se acaso saís algum enamorado;  
Dizei-me, ó noras tristes, se choraes  
Alguem que aqui morreu assassinado!

Porque eu tambem choro um viver passado  
E sei sentir as dores que affogaes:  
Noras branquinhas, onde vos postaeo  
O luar onde vos amortalhaes.

Sandades são talvez, que fazem dor,  
Como eu as tenho d'alguem que me vooa  
Para longe da voz que diz meus ais:

Sandades são talvez d'um grande amor;  
Sandades são talvez,—pois não choro  
Magdalena, assim como vós choraeis!...

## MORRER DO SOL

Á tarde, quando vão para as novenas  
Nos seus escuros chales embrulhadas,  
As raparigas, mihi genitas, morenas,  
P'lo sol da Beira tanta vez beijadas;

Á tarde quando á beira das estradas  
As avés leveas, joviaes, pequeninas,  
Sacodem, ao de leve, as negras pennas,  
Dos lanarajas floridas nas ramadas;

E os namorados passam p'ra o sério,  
(Olhos nas noivas em contemplação),  
Maria fita o sol a declinar;

Mas, só quando Ella foge da janella,  
Tão pura como o luar, branca estrella,  
E' que vem o poente ao meu olhar...

## NO CAES

## Laredieiras

Enquanto a roupa edreás  
Lavadeiras, vosso rosto  
Não vendo o moço que amais,  
Cora tambem de desgosto.

D'amor preso, o coração,  
Cór d'espuma, cór de neve  
Que faz o branco sahão,  
Bate no peito de leve;

Mas, se o vosso namorado  
Passa p'ra qui, raparigas,  
Ao som das vossas cantigas  
No peito bate apressado,

Cantando lindas canções,  
Como só sabem cantar  
Corações a corações,  
Sem ninguém os ensinar.

## A uma canção

Formosa canção bendita,  
D'um lido e bendito olhar,  
Que só, n'uma alma infinita,  
Ha garganta p'ra a cantar.

Eu qu'ria ser coração  
No peito que te gerou,  
N'uma esfolhada ou sério,  
N'essa alma que te cantou

## O fado

Guitarra chorando o fado,  
Lembraes-me, vós, muita vez,  
A vida, o sonho passado,  
D'este povo portuguez!

Porque a alma portugueza  
Suspira a dentro de vós,  
Guitarra, onde se reza  
O fado dos meus avós.

CELESTINO DAVID.



# Caras e Pulgas de Prima

III

12 de Março.

Querida prima:

Escrevo-lhe do campo, para onde vim convalescer os nervos irritados de muito trabalho. Está-se bem aqui: a gente é quasi sã; o ar é quasi puro, e a agua canta por toda a parte, em fontes e ribeirinhos. Não tenho grande quietação lá de fora e cá por dentro, na minha alma. Não tenho jornaes para ler, nem decoretas para ver.

É uma maravilha, isto! A velhinha que me dá cama e mesa, ainda canta... E no meu quarto, de noite, entra-me a claridade das estrellas, e, de dia, é o sol que me accorda, quando não é o gallo da tia Zabelinha que nos accorda aos dois. — a mim e ao sol. . . São nove horas, e estou a escrever-lhe algoedinho e alegre... Tive uns queijos e uma manteiga fresca que mereciam um poema!

Se soubesse o que hoje me entretive no pé d'uma roseira! Que coisas lindas a gente tem para ver aqui; é só olhar. . .

Quer ouvir?

Todas as manhãs, quando o sol começava a doirar as folhas mais altas dos magestosos plátanos da estrada, o rebanho punha-se em marcha. As vezes ou vinha vel-o partir.

Hoje, o céu ainda tinha aquella eôr desmaiada e diffusa d'um lilaz muito fraco, muito tenue, e os montes escandiam os arredondados mamellos na frescura baça da névoa que, pouco a pouco, ia esfarrapando-se e mostrando o verdejante valle, aos torticollos, lavadinho d'uma fita d'agua, contorsida em veios de crystal por entre os seixos abundantes.

E, cá de cima, da estrada, o lindo valle apparecia como uma seára, em todos os seus cambiantes de verde, desde o verde chlorotico das alfices até ao lúido e condensado verde-negro das nádocas, saltando erecto e forte d'aquella bô terra fumante e negra, aos sulcos parallellos, disposta em taboleiros. Aqui o tem, o tom geral quebrava-se á volta de casinhas brancas, muito pequenas, que surgiam como salpicos de cal, ao acaso, n'aquella prodigiosa symphonia do verde. E d'algunhas, saia pelas frestas um fumosinho branco que vinha desfazer-se d'encontro ao alpendre dos telheiros.

Ainda dormiam os passarinhos aconchegados nas ramadas finas das arvores e já o meu rebanho caminhava para as pastagens. O meu rebanho era um rebanho microscopico, singular, curioso: uma caricatura de rebanho, que cabia perfeitamente n'esta pagina, que se poderia, á vontade, fechar na mão papudinha d'uma creanga.

Era um rebanho tão pequenino, tão pequenino, que tinha os seus pastos n'uma folhinha serreada de roseira e os estábulos mettidos lá para o fundo ecoro d'um formigueiro.

E no entanto, era um rebanho de vacas. . . Vacas de formiga! Um rebanho de pulgões de roseira, d'esses que as formigas agasalham nos seus formigueiros para lhes tirarem uma mixórdia de leite, um succo adocicado de que em parte se sustentam e de que são gulosisimas.

Quem me dá estas informações é a minha hospedeira, a velhinha senhora Rita, que entende muito de bicharias, hervas e estrellas. . . Esse leite fabricam-n'o os pulgões á custa da seiva da planta em que vivem e segregam-no por uma especie de microscopicas tétas que tem no abdomen e que as formigas esvasiam, comprimindo-as com as mandíbulas. . .

Todas as manhãs este phantastico rebanho sae do formigueiro, com um cento de pulgões e algumas formigas de vigia e dirige-se para a folha mais tenra da roseira proxima.

Os pulgões, sem azas para que não fujam, iam muito lentos, muito vagarosos, uns atraz dos outros, n'uma linha esverdeada seguindo uma formiga pacherotta que os pastoreava.

Aos lados e na cauda, vinham formigas vigilantes, cuidadasas, empurrando uns, obrigando outros a entrar na fôrma, espreitando alguma fuga, aguilhoando com as antenas os que ficavam esquecidos, para traz. . . E ao mesmo tempo iam na fila de acarretrar palhinhas, poeiras de flores, partilhas de grãos, sjonjadas, cançadas, desesperadas. . .

Lá ia uma fraqueira, a cair, com um bagosinho de trigo, já sem poder com elle e outra, pressurosa, veio logo a ajudal-a, dar-lhe alentos, lambel a com o seu meio millimetro de lingua e o grão foi para diante. . .

Mas o rebanho avançava. . . De quando em quando, a formiga da frente parava e virava-se á espera dos seus pulgões, e a caminhada continuava lenta e vagarosa, parando ás vezes para descanço.

Quando chegavam ao pé do tronco da roseira já o sol dava nas rosas. Começaram-n'o a subir, tambem em fila, sugando aqui, parando acolá, até que miassem instalar-se n'uma das folhinhas mais novas d'um ramo. Pertinho, havia um botão vermelho a abrir, e n'um bôrdio de pétala minúscula uma gota de agua que ficara suspensa irisava-se atravessada de um raio de sol.

Os pulgões má tinham chegado ao pasto, empurraram-se, aconche-

garum-se, uniram-se muito esfomeados, muito juntinhos e puzeram-se a chuchar avidamente, gulosamente, aquella seiva fresquinha e doce do ventre fumido da folha.

De lado, a formiga pastora, olhava-os com a sua meia dúzia d'olhos, guardando-os dos inimigos, prompta para dar o primeiro signal em caso de sarrafusea.

Pela roseira, varias formigas espreitavam tambem os arredores, com um ar de sentinellas. — não viesse algum lobo atacar o rebanho. . .

O lobo? . . . Lobo, sim! O lobo podia ser muito bem aquelle coleoptero d'élytros vermelhos que, entredito a saborear um pistillo de rosa, não dera ainda pela chegada dos pulgões.

Mas refastelado de manjar, trepou pela doirada moita d'estames e veio aquecer-se ao sol no alto d'uma pétala aveludada e rubra.

Esse coleoptero era uma linda joanninha com o dorso eôr de mogno, muito polido e pontilhado a negro, como um esmalte precioso d'algunha joia rara.

Do cimo da rosa olhou para baixo, debruçou-se do baleão da pétala, attentou um pouco mais e descobriu os pequenos pulgões na sua faina devoradora.

D'um salto, abriu as azas e caiu-lhes em cima. Mas antes, já a formiga lobrigara e dera o alarme ás outras sentinellas. Que rebolico na roseira! que enfusão n'aquella folha microscopica!

Os pulgões attonitos, estarecideos, doídos de medo, cheios de terror, empurravam-se, atiravam-se uns d'encontro aos outros, esmagavam-se na fúria de abalar d'alli, atropellavam-se e caíam da bôrdia da folha. . .

Uas, transidos de susto, perdendo o instincto, vinham metter-se de baixo das patas da joanninha, cuidando que lhe fugiam; outros, emburilhados na multidão eram derrubados, revirados, e toda a turba tropeçava n'elles na precipitação da fuga. . .

Já havia um montãozinho de cadáveres e a joanninha comia n'elles com um appetite digno de quem está almoçando, depois d'um aperitivo de vermão tomado no pistillo d'uma rosa.

Mas ia dar-se a phase terrivel da batalha.

Imagine a minha excellentissima prima que, de todos os lados, escalando inteiramente o limbo da folha, surgiam as cabezinhas vermelhas das formigas de mandíbula escancarada e de antenas rigidas.

N'um momento, atiraram-se ás patas da joanninha e arrastaram-na; outras trepavam-lhe pelo dorso escoregado e escarranchavam-se nos delgados anneis da cabeça descarregando-lhe injeções d'acido formico nos olhos. . .

E vinham mais, muitas mais, n'uma onda negra cobrindo a folha toda e despejando-se em massa sobre o corpo fragil da joanninha, que já oscillava n'aquella ondulação terrivel das inimigas. . .

Por fim a joanninha quiz lutar e não ponde: n'um instante foi levantada ao ar; depois, um grupo muito numerozo pendurou-se-lhe n'um dos élytros e com impulso simultanea atiraram-na para o outro lado virando-a de dorso; saltaram-lhe ás dezenas em cima, e emburilhando-a, picando-a, mordendo-lhe, tronxeram-n'a n'um arranco até ao bôrdio da folha. . .

Ahi, o proprio peso da massa, fôl-a tombar a terra: todo o formigueiro se uniu e. . . foi uma vez a joanninha!

D'ahi a instantes, já as formigas começavam a acarretral-a aos poucos, para o formigueiro.

Muitas occupavam-se em cuidar das feridas e em conduzir as mortas para dentro da cova, e pela roseira, outras, iam ajuntando os pulgões que tinham escapado da refrega, para os levar, de novo, ao pasto precioso. . .

Eram oito horas e eu estava cheio de fome. Volteti, querida prima, lembrando-me d'aquello caso celebre, acontecido com o chefe d'uma revolução, que não se realisoou, por elle ter feado, esquecido, no caminho, a ver. . . um formigueiro!

E só agora lhe sei dar razão. . . Quem sabe, se a esta hora lá por Lisboa, não há tambem algum formigueiro de gente em guerra com alguma joanninha!

E eu aqui n'esta paz, n'esta poeira luminosa de sol, n'este delizioso cantinho, perdido entre serras e ignorado do mundo, quando penso n'isso, esfrego as mãos de contentamento — por lá não estar!

Um grande abraço do seu muito amigo e primo.

MANUEL PENTEADO.



## MANOEL FRANCISCO DA COSTA

Não é um desconhecido para os leitores do *Brasil-Portugal*; não o desconhece tão pouco o paiz que o conta como um dos seus mais activos e intelligentes industriaes. Entre a galeria dos homens distinctos da capital do norte, agraciados por S. M. El-Rei, por occasião da sua ultima visita, figurava o sr. Manoel Francisco da Costa e elle que despresara sempre honrarias, que fugia a ellas com uma insistente modestia, entendeu e bem que d'esta vez poderia parecer descortezia não aceitar a mercê tão elevada, e tão significativa sobretudo para um homem que se fez pelo trabalho industrial — a Grã-Cruz de Merito Industrial.

A ninguém melhor do que a elle cabe essa grã-cruz. Muito novo ainda, quando contava apenas 13 annos, e seu pae José Francisco da Costa tinha uma modesta officina de serralheria, sempre que o curso das primeiras letras o deixava livre, era para a officina, a ajudar seu pae que elle corria. Depois, entrou como empregado de uma loja de ferragens; a tenacidade do seu espirito observador, e a queda natural que sentia para o commercio, do simples caixeiro fizeram um modesto industrial. Aos 21 annos, estabelecera-se no mesmo ramo.

Data d'ahi todo o seu enorme trabalho. Naturalmente bom, foi feliz, porque a felicidade é ás vezes tambem a recompensa da bondade, e prosperando sempre, elle foi pouco a pouco desenvolvendo a sua casa, aperfeiçoando os seus productos, introduzindo-os com uma incansavel energia em varios mercados, chegando por fim a vel-os rivalizar, em condições muito favoraveis, com os melhores de fabricação ingleza e americana. E é dizer tudo.

O sr. Manoel Francisco da Costa em politica não é um indifferente, e o partido monarchico que tem seguido com lealdade devehaver relevantes e desinteressados servicos. É um dos elementos de maior força que conta no Porto o partido regenerador, e essa força provem não só da influencia que ali tem o industrial, mas ainda das sympathias que conta o homem. Tem 53 annos. Vendo-o, forte e robusto, quasi um athleta, avalia-se logo pelo phisico o que vale o caracter.



## NOGUEIRA SOARES

Já nas nossas *Paginas Supplementares* do ultimo numero, presteu a *Brasil-Portugal* a justa homenagem da sua saudade pelo illustre diplomata, que a morte veiu arrancar ao paiz precisamente no momento em que este lhe ia galardoar os altissimos servicos prestados, com

a sua elevação ao pariatto. Não lhe foi permitido pela doença receber essa distincção, mas para a sua vaidade não lhe fez falta. Duarte Gustavo era um homem de raro bom senso. Foi-o toda a sua vida. Espirito reflectido, ao serviço de uma cultura intellectual muito distincta, myanotropo por temperamento, trabalhador por indole, e estudioso por inclinação, toda a sua longa carreira publica trilhou-a com uma correção inegualavel e sem ambições nem vaidades. Na secretaria dos estrangeiros e das obras publicas, por onde começou a sua vida de funcionario, deixou trabalhos economicos de grande valor. Uma vez ao serviço d'esse primeiro ministerio, em



commissão, lá ficou para sempre, subindo até director geral dos consulados, cargo que exerceu com uma intelligencia superior, que a tinha em boa verdade.

Nomeado depois ministro no Rio de Janeiro, mais tarde transferido para Berne, foi n'este ultimo cargo especialmente, com um trabalho perseverante de todos os dias e uma habilidade diplomatica incontestavel, que elle maiores servicos prestou ao seu paiz na questão tão grave que durante annos ali se debateu junto ao tribunal arbitral, acerca do nosso caminho de ferro de Lourenço Marques.

O conselheiro Nogueira Soares falleceu com 65 annos, quando havia dias chegara a Lisboa em gozo de licença.

## DR. TRINDADE COELHO

QUEM o vê, de livro debaixo do braço, fumando o seu charuto, á porta de qualquer livreria no Chiado, julga-o um ocioso, e afinal, do seu gabinete da Boa-Hora ao seu gabinete de trabalho, elle vai sempre dando que falar, com as suas *pronuncias*, com as suas cartas e com os seus contos. E, graças á litteratura contemporânea, o que elle faz do melhor são os contos. Lendo-os e apreciando-os não ha duas opiniões diversas — são bons, enquanto as pronuncias, essas são discutidas e criticadas especialmente as que dizem respeito a processos de imprensa. Como elle, litterato e jornalista, consegue metter em processo os collegas, sempre dentro da lei, e depois quando



faz um livro, deffrontar-se com um certo misso de elogios, d'esses exactamente que elle mandou para a cadeia, é a grande habilidade do seu duplo cargo de delegado e escriptor.

Bom transmontano, elle ama o seu torrão natal com o enthusiasmo de um patriota, e como se não tivesse nada que fazer, como se effectivamente passasse a vida cavando nas livrerias, ou no Chiado, o dr. Trindade Coelho inventou ainda um *Boletim Parlamentar do districto de Bragança*, mostrando assim aos electores que o não elegeram que, apesar de não ser deputado, se occupa do que lá se passa sobre Bragança, o que de resto lhe não dá muito que fazer. E por isso mesmo naturalmente elle escreve o *Remedio contra a usura* e os pares do reino pedem ao governo que, o recite as parochas para o usarem á hora da missa. Aqui está um bom reclamo para o novo livro *De meus amores*, livro de contos, delicados e sentidos, pedaços d'alma arrancados á inspiração do escriptor, scenas vividas spanhadas d'*apria nature* pelo fino espirito do observador. O dr. Trindade Coelho é no pequeno meio litterario da capital — uma individualidade.

# THEATROS



D. Amelia

Petronio

O autor, *do Regente e das Peraltas e Sestas* tinha obrigação de fazer uma obra melhor. Não era fácil — sabem, n'os quantos leram as paginas do *Quo Vadis* — mas não era impossível.

Porque não o fez? Evidentemente por que não quis. Não foi um effeito, diga-se em seu abono, de visão errada, de falsa comprehensão, de corteza de entendimento, de

indignações, d'aquelles terrores e espantos ao recordar o morticínio dos christãos.

Se um de nós, habituado a fazer o *Chiado* ou a *Ávenida*, tivesse de ver esse espectáculo de sangue e viesse de acorevel — depois, não teria, por certo, mais espantos, nem mais indignações, nem mais terrores!

Que necessidade teve o sr. Marcellino Mesquita, de obrigar o piedoso, o humilde apóstolo Pau-



lousa experiencia do *métier*. Que foi então? Que *mysterio psychologique* é este que não deixa adivinhar a razão exacta, incoactada, pela qual o dramaturgo justamente laureado fez decambiar no *Petronio* de D. Amelia essa obra prima de Sienkiewics que se chama o *Quo Vadis*?

Porque abandonou elle por completo todos esses vastos elementos do drama, de poesia, de ingenho, de emotividade, em que abundam tantas paginas d'esse livro maravilhoso?

Todas essas figuras primaciaes, tão integras, tão proporcionadas, tão altas, impecaveis, que figuram no romance como modelos de estatuaría antiga, porque foi que as deturpou no drama?

Se teve medo de chocar a aesthesia sentimental do publico de hoje, para que trouxe ao palco aquelles gladiadores das Portas de Santo Antão? Não seria de melhor tacto evitar esse incidente no festim escenico, para não ter de desvirtuar a figura canibalesca de Nero, que concede a vida aos dous athletas, n'uma magnanimidade de que elle nunca usou nas orgias do Palatino, e que só o sr. Mesquita seria capaz de pôr em exhibição ao palco de um theatro?

Para que apagou no decorrer dos actos aquella figura de aestheta, aquelle adorador Petronio, que alem de ser o mais fino cultor da arte, o mais brilhante espirito da Roma pagã, é ao mesmo tempo a alma do romance, o que tocca, para, alta, enrubra o fio de toda a acção, a personagem sem a qual o romance deixaria de existir como o concebeu a alta phantasia do escriptor polaco?

O proprio sr. Mesquita comprehendendo que essa figura estava por de mais apagada em tantos actos, em tantas scenas, que Rehabilital a ultimo, mas ahi foi maior a infelicidade, porque a demancho por completo. Ha brilho, ha enthusiasmo, ha vigor no trabalho de Brazão — e é esse que o publico applaude — mas todo esse esforço é deslocado, e é esse que o catheta Petronio, o *blond*, romano até a medulla proprio, por que o catheta Petronio, o *blond*, romano até a medulla dos ossos, habituado ás orgias e ás carnificinas, companheiro inseparavel de Nero em todas as extravagancias e em todas as ferocidades negligente, frio, tão fino de temperamento, que o proprio Nero lhe diz um dia: "E' sincero quando me elogia, porque és tão preguiçoso que não serias capaz de um disfarce". Petronio, enfim, não seria capaz d'aquellas



Augusto Pina  
O scenographo

Lygia, não ha uma impressão, um reflexo, qualquer raio de sol que nos mostre a sua origem moderna na sua origem secular, na sua infinita poesia!

De tantas bellezas do *Quo Vadis* uma só aproveitou com mão de mestre o auctor do *Petronio*. E' o beijo silencioso, eloquente, da escrava Eunice no busto de alabastro. E' um poetico e bem achado final de acto, que o sr. Mesquita transportou habilmente do romance.

lo de Tarso a fazer de Telles Jordão e de Ferrabras, a vir imprudentemente ao palacio de Nero cuspir injurias na face de Cesar, que lh'as altura tempo infinito, e que por entre ellas lhe escuta a revelação de ter visto o Christo, coiza de que a historia não resa, e de que o proprio Paulo se deveria arrender para caminhar para o carcere, por ser a primeira vez que mentiu!

De resto, de um livro escripto para mostrar como brihou em toda a luz a surora do christianismo nascente, não se reflecte no drama uma só d'essas scintillações, não ha uma scena que mostre como a transformação começou a operar-se nos espiritos! E d'essas extraordinarias conversões, de Chilon, pelo perda de Glauco, de Vinicio, pelo amor de



Marcellino de Mesquita  
O auctor da peça

O seu erro foi o ter pensado que a parte decorativa e espectacular deveria ser a principal, quasi tudo. Enganou-se, e não tem por isso desculpa, porque o romance tinha acção que farte, drama, interesse, poesia, tudo o que deveria constituir um triumpho para o dramaturgo, se lhe prestasse um bocadinho de attenção e aproveitasse com cuidado esses preciosos elementos de arte.

A reconstituição da epocha, das scenas, dos requintes de luxo, da opulencia romana, era impraticavel em theatro portuguez. Por mais desejos e esforços da empreza, não pode deixar de ser uma copia pallida, inferior.

Melhor que o fez a empreza do D. Amelia não o faria a de nenhum outro theatro. A um bom scenographo como Pina, ao melhor *costumier*, Carlos Cohen, a um compositor laureado, Oscar da Silva, confiou tudo o que constitue a decoração de *Petronio*. Mas qualquer trabalho de reprodução seria suplantado pela poderosa descripção da civilização romana, tão conhecida pela obra de Suetonio, tão poderosamente descrita nos trabalhos de Momen e tão fielmente transplanteda para o *Quo Vadis*.



Scenário do 1.º quadro de *Petronio*

Brazão no *Petronio*, Augusto Rosa no *Nero*, João Rosa no apóstolo *Pavio*, Pinheiro no *Chilon*, Luis Pinto no *Vinício*, Augusto Antunes no *Tigellino*, Maria Falcão na escrava *Romão*, Ângela na *Actéa*, e Maria Pia na *Poppéa* fazem quanto lhes é possível, porque dispõem de largos recursos, para que o *Petronio*, apesar de tantas deficiências, receba todas as noites applausos do publico do D. Amélia.

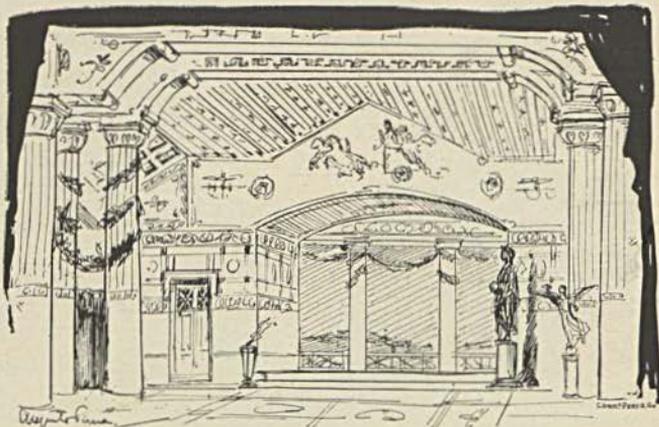
JAYME VICTOR.

## Gymnasio

Ama secca

Moura Cabral emprestou á comédia de Sylvano toda a graça original que constitue a sua individualidade no nosso meio litterario, e d'ahi o prazer com que se escutam essas tres actos, cheios de peripetias e de imprevistos, qual d'elles mais cheio e movimentado, e os tres a disputarem uns aos outros o meio de nos arrancarem gargalhadas durante os bem empregados minutos em que os escutam.

Telmo Larcher, um dos raros artistas do nosso theatro que progride a olhos vistos, andou com fino tacto ao escolher a engraçada peça franceza para a noite da sua festa. Aquelle advogado, que, para se livrar de uma *entalação* amorosa, é obrigado pela força das circumstancias



Scenário do 2.º quadro



Scenário do 3.º quadro

a fazer de amaleseca, a trazer o *néed* nos braços, a embalal-o, a repellir a côrte dos homens, a envergar os trajos femininos, a fazer durante dois actos que é mulher, hão de confessar que n'aquelle despretencioso genero theatral, é uma das *trouvilles* mais bem achadas!

E com que graça, com que *do-naire*, e ás vezes com que furia masculina encarna Telmo o seu papel! O publico paga-lhe em gargalhadas que não tem fim os momentos de franca e jovial despreocupação que elle lhe dá com o seu excellentes desempenho.

Secundam-no com um bom humor impagavel todos os outros artistas.

A moda faz de coisas serias futilidades, e de futilidades faz coisas serias.

A lei é a consciencia dos que a não tem.

G. Rivet.



Scenário do 4.º quadro

A caridade no pobre consiste em não odiar o rico.

A. DE TORQUEVILLE.

A historia nunca se repete, mas os homens assemelham-se sempre.

CAVOR

E' um mau systema engrandecer-se fazendo sentir aos outros como são pequenos.

Como a sombra sem a luz, não existiria o mal sem o bem.

ALFRED DE MUSSET.

E' tão perigoso convencer uma nação da sua decadencia para que ella se rehabilite, como convencer um doente da gravidade do seu estado para o curar.

# BRASII PORTUGAL

Composição e Impressão  
 Texto e capa: Companhia Nacional Editora  
 Largo do Conde Barão, 50  
 Páginas supplementares: Off. de Exped. Nunes & F.ª  
 Rua d' Assumpção, 16 e 24  
 Romance: Typographia Castanheto  
 Calçada de S. Francisco, 13

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores  
 Augusto de Castilho, Jago Victor, Lorjõ Tavares  
 Editor  
 Luiz Antonio Sanchez  
 Redacção e administração—Rua do Carmo, n.º 15, 1.ª  
 LISBOA  
 Esadereço telegraphico—BRATUGAL

## ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO
Anno.....	Moeda brasileira.....	Anno.....	Anno.....
Numero avulso.....	3/2000	5/600	7/800
	2800	2800	4800
		18500	6000
		3800	3400

## SUMMARYO

Política internacional — CONSILIERI PEDROSO.  
 Matadouro de Lisboa.  
 Os alforrocs — WENCESLAU DE MORAES.  
 Eduardo Gonçalves da Costa.  
 General Campos.  
 Historia do hotel «Vae com Deus» e da sua companhia — RAUL BRANDÃO.  
 Dr. Abel de Andrade — ROCHA PEIVOTO.  
 Vinha — VERSOS DE JONAS DA SILVA.  
 Cartas a uma prima — MANUEL PENTEADO.  
 Mater dolorosa — THOMAZ COELHO.  
 Manuel Francisco da Costa.  
 Conselheiro Nogueira Soares.  
 Dr. Trindade Coelho.  
 Revista litteraria.  
 Theatros — PEIRONIO — JAYME VICTOR.

### Páginas supplementares

Os nossos correspondentes.  
 Lorjõ Tavares.  
 Capas para o «Brasil-Portugal».  
 As tres virgulas — THOMAZ RUIRO.  
 Bibliographia.  
 Turonochi — EGYDIO DE ALMEIDA.  
 O NOSSO JORNAL — (A quinzena noticias).  
 Cartas da Quinzena.  
 O Cego — Romance de PEREZ GALDÓS.  
 Anecdotes.

37 Illustrações

## OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

### No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO—(Agencia Central dos Estados do Sul, Coronel Theodorico Pupo do Moraes e José Martins Pollo, Rua da Afundega, 4, sobrado).  
 PERNAMBUCO — Leopoldo da Silveira.  
 PARA—J. B. dos Santos & C.ª — (Livreria Classica)—Rua João Alfredo, 50.  
 MANAOS—A. Folhadella—Cassa Anderson & C.ª—Praça Tumandara.  
 MARANHÃO—Leonio J. de Medeiros & C.ª  
 CEARA—Alfies Torres & C.ª  
 BAHIA—José Luis da Fonseca Magalhães (Livreria Magalhães—Rua Direita do Palácio).  
 PELOTAS—Carlos Pinto & C.ª (Livreria Americana).  
 PORTO ALEGRE—Carlos Pinto & C.ª (Livreria Americana).

NO RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.ª (Livreria Americana) Rua Marchal Floriano, 100.  
 Em Africa  
 MOÇAMBIQUE—J. J. Augusto Pinto de Carvalho.  
 MOSSAMEDES—Joaquim Teixeira de Assumpção.

QUELIMANE—Henrique Jorge de P. Naves.  
 BENGUELLA—Mathias & Tavares.  
 LOURENÇO MARQUES—D. Bernardo Heitor da Silveira de Lorrain.  
 BOLAAMA (Quilim)—Cesar A. Gouveia da Silva Roman, Tesoureiro geral da Provincia.

### No Continente

PORTO—(Agente geral no Porto e no norte) Antonio Couto Fernandes, Rua da Almeida, 24, 1.ª.  
 EVOA—(Agente geral em Evora e no Sul) Luis Freire Correia, Director da fiscalizacao dos tabacos.  
 BENAVENTE—J. N. S. Carvalho.  
 FONTE DE LIMA—Gama, Amaral & Com.ª.  
 OLIMBERIA—João Ribeiro Arrobas, Anjo do Ivo, 1 e 2.ª.  
 CAST. ILO BRANCO—Pedro Augusto Pessoa.  
 BLANES—Antonio Augusto Salgueiro.  
 ELVAS—José Antonio dos Santos Sobrinho.  
 COBACA—José Naveiro da Costa.  
 PORTALÉGUE—Domingos da Guerra Conde.  
 LEIRA—Manuel Pereira Dias.  
 FIGUEIRA DA FOZ—Antonio Marques da Oliveira.  
 VIANNA DO CASTELLO—J. B. Domingues.  
 COURCIB—José Pereira Cabral.  
 TAVIRA—José Maria dos Santos.  
 FARO—Maya & Trigueiro.

### No Estrangeiro

PARIS—Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 15.

## LORJÕ TAVARES

Por motivos independentes da sua vontade, não poudo partir para o Brasil, no dia 5 d'este mez, como annunciáramos, o nosso presado amigo e director d'esta Revista, sr. Lorjõ Tavares.

O infatigavel director do Brasil-Portugal, que tem n'elle o mais activo e prestimoso auxiliar, s'è parte para o Pará e Mandos no Rio Amazonas, que se espera saia de Lisboa em 16 ou 17 d'este mez.

Como dissemos, Lorjõ Tavares dirige-se ao Pará e Mandos, de onde seguirá para o Rio de Janeiro, demorando-se em todas as partes da escola em trabalhos de propaganda da nossa Revista, que t'èo brilhante accitação tem tido nos Estados Unidos do Brasil.

A Lorjõ Tavares desejamos uma bella viagem e grande felicidade no exito do seu trabalho.

## CAPAS PARA O «BRASIL-PORTUGAL»

A empresa encarrega-se de fornecer aos srs. assignantes do Brasil-Portugal, capas elegantes e simples, para encadernação do 1.º e do 2.º anno da Revista, ao preço de 15000 réis cada capa.

Tambem se encarrega de encadernações de luxo a varias cores, por preços moderados.  
 Os pedidos podem ser dirigidos a esta administração ou as agencias do Brasil-Portugal.

## ANEDOTAS

Um pianista está dando um concerto e tocando uma peça muito massadora.

—O peor, diz um dos ouvintes, é que o pianista é surdo.

—E' surdo? Então façam-lhe signaes para lhe dizerem que já acabou.

Uma senhora, voltando a casa sem ser esperada, vae á cosinha e vê all o namorado da cosinheira.

—O Maria, isto é de mais! Já a tenho prevenido de que não quero que receba o seu nomorado na cosinha.

—Oh! minha senhora, tambem lhe tenho dito isso a elle muitas vezes, mas elle tem vergonha d'ir para a sala...

N'um collegio:  
 O professor, que está leccionando grammatica, interroga um dos discipulos:  
 —N'esta oração, Pedro matou a Paulo, onde está o sujeito?

—Não sei, sr. professor.  
 —Sei eu! Sei eu! gritou outro discipulo.  
 —Sabê?! Pois então diga lá.  
 —Este! no Limosiro!

A mulher surprehende o marido a beijar a criada:

—Ah! tratante! Apanhei-te com a bocca na botija!

O marido protestando:  
 —O' menina! Botija, aquella rapariga tão galante!

Entre mulher e marido:  
 —Confessa, Luiz, que já me não amas. Quando nos casámos era outra cousa; então, sim, devoravas-me tu com beijos...

—E' verdade, lá isso é...  
 —E' porque não fazes agora o mesmo?  
 —E' porque... não posso já digerir-te; estás um pouco dura...

Procurerem os preciosos vinhos  
 de Adriano Ramos Pinto

## AS TRES VIRTUDES

Diz o Atheísmo á Fé: — Cega, desvenda-te, ou caes n'uma voragem! —  
 O Desespero á Esp'rança: — Ingenua emerita, enganar-te e miragem...  
 O Egoísmo á Caridade: O' prodiga! rouba-te a vilagem! —

E a Fé responde ao gelido Egoísmo: — Quem, a não ser a Fé, ao teu bradar no tenebroso abyssmo te estende a mão? Quem é? —

E a Esp'rança ao Desespero: — Essa miragem que apontas com desdem, impaciente: E' a generosa imagem do que já perto vem. —

E diz ao Egoísmo a Caridade: — E tu, adverso meu, quando a desgraça te prostrar, quem ha-de valer-te, a não ser eu? —

Desesperança! atheísmo!  
 Eg-ismo ignobil, profundo!...  
 Santas virtudes, que abyssmo  
 Sem vós não lóra este mundo!

1880.

THOMAZ RIBEIRO.

Madame Stael, que, como é sabido, tinha os olhos extraordinariamente vinhos, votava uma antipathia muito accentuada ao famoso Talleyrand.

Um dia encontram-se os dois, e madame Stael, sorrindo com expressão zombeteira, pergunta-lhe:

— Enfiro, sr. Talleyrand, como va e a perna? —  
 — Torta sempre, minha senhora, sempre tortal respondeu elle no mesmo tom.

## BIBLIOGRAPHIA

**Sociedade Brasileira para Animação da Creação Agricola.** — Temos sobre a nossa banca o relatório de 1899-1900 que esta sociedade fez distribuir, e pelo qual vemos que, felizmente, continua progredindo com grande florescencia.

E' de justiça tornarmos publico que este progressivo desenvolvimento da sympathica sociedade é devido na sua maior parte, ao patriotismo e estremada boa vontade dos membros dos respectivos corpos gerentes e tambem de alguns socios que não se tem poupado a esforços e ao trabalho activo e perseverante para que todos os negocios e diligencias da aggrégacia a que pertencem dêem o resultado desejado.

D'entre todos é justo que mencionemos como um dos que mais tem trabalhado em favor da Sociedade, e portanto da agricultura no solo brasileiro, o illustre ministro dos Estados Unidos do Brasil em Washington, dr. J. F. P. d'Assis Brasil, cujas facultades de intelligencia, actividade e trabalho, são exuberantes.

Este devoto patriota, que á pa custa editou uma obra de alto valor intitulada *Cultura dos Campos*, a qual foi distribuida gratuitamente em grande proffusão ás Sociedades Agricolas do Brasil, a lavradores e a pessoas a quem podiam mais directamente interessar, adquiriu por sua conta e tambem gratuitamente fez distribuir por muitos agricultores dos diferentes Estados, sem machinas e *Cyclones* para semente a lãncio, e que no dizer dos entendidos é uma pequena maravilha da inventividade Norte-Americana, porque permite a um homem só fazer o trabalho de cinco, com mais perfeição e sem tanta fadiga.

Além d'isso o illustre diplomata está trabalhando activamente n'uma nova edição do livro *Cultura dos Campos*, correcta e augmentada com grande numero de gravuras e mapas, que pelo seu interesse e competencia decerto prestará novos e inculcaveis serviços.

O capital da Sociedade é constituído na actualidade por 24.688 francos, o que se deve considerar importante para uma associação que poucos annos conta de existencia.

## O NOSSO JORNAL

(A quinzena noticiosa)

## A questão religiosa

Surgiu da questão Calmon esta questão bem mais grave e perigosa, porque agita profundamente o paiz. Melhor fora por certo não ter, com uma tolerancia incomprehensivel que provocou os mais reproveaveis abusos, concorrido para que ella apparecesse, mas agora o bom senso e a prudencia podem ainda resolvê-la.

Teve origem no triste histora da sr. D. Rosa Calmon, tomou elle durante a lucta persistente de um paé dispostado hora a hora a filha adorada, que a reacção lhe queria roubar, adquirindo maior vulto pelas arrogantes censuras que os reacc onarios fazem ao governo por não auxilio forte e constante á autorida paterna, desauthorizada e desrespeitada, e por fim explodiu ameaçadora á noticia da extraordinaria tentativa de rapto preparada para a sahida da missa da igreja da Trindade, e transformouse em represalias, que a policia cohibiu, mas que no fundo tinham alguma cousa de rasovavel.

A' agitação do norte, sincera, estamos crentes, responderam os estudantes de Lisboa com manifestações liberas, as quaes de frías palavras foram insensatamente reprimidas com cutelladas desnecessarias, porque a furia policial não apunhou sequer um só dos manifestantes que fugiram, exercendo-se apenas nos cidadãos pacíficos, cujo unico crime era o de serem curiosos.

Foi sobretudo á porta da Escola Polytechnica que os conflitos entre a policia e os estudantes foram mais rebulidos, chegando a haver tiros e revolver disparados por um guarda a quem um pedaço de ferro atirado do grupo dos estudantes, fizera chã e espada. Intervieram então o director da Escola, que se responsabilisou pela ordem, o sr. Ministro do Reino que mandou proceder a um inquerito sobre o succedido, e o commandante da policia que mandou retirar as patrulhas. Mas a esse conflicto seguiram-se outras manifestações na rua, da parte da rapaziada das escolas, sem maior importancia. A policia com a maior facilidade dissolvia os grupos effectuando as prisões dos resistentes. Mas aos estudantes vieram juntar-se os agitadores de profissão e os que se revoltavam, fazendo muitas gerações que logo na primeira noite deram 314 presos. Mas porque é que essas manifestações pereram a importancia? Foi porque o governo comprehendeu e bem. — apesar das suas primitivas declarações de que não tomaria qualquer medida, antes de mantida por completo a ordem publica, — que tinha obrigação de intervir sem demora n'uma questão já de si bastante grave e que a indignação crescente do paiz mais grave tornava. E então tinha dois caminhos a seguir — ou expulsar a torto e a direito as ordens religiosas do paiz, fosse qual fosse a sua missão, cumprindo assim os decretos de Joaquim Antonio d'Aguiar, que legislou para uma epocha muito antiga, e que nos dias de hoje a assignação de paiz para com algumas d'essa ordens, fazer o que fez depois de muito meditar.

Esse decreto estabelece que os governadores civis informem:

1.º Se nos districtos a seu cargo existem, de facto, instituições religiosas de ordens regulares, seja qual for a sua denominação, instituto ou regra que se destina á vida monastica, e de serem suprimidas, dando-se cumprimento ao disposto no decreto de 26 de maio de 1834;

2.º Se nos mesmos districtos existem estabelecimentos de ensino, propagação, beneficencia ou caridade, dirigidos ou administrados por quaesquer comunidades ou congregações religiosas, ou em cuja direcção ou administração intervenham individuos pertencentes a essas comunidades ou congregações; devendo os mesmos magistrados exigir que, dentro de 8 dias, sejam sejas apresentadas as seguintes informações: fundação, os regulamentos por que se regem esses e estabelecimentos, affirm de serem immediatamente fechados os que deixarem de se apresentar, e de sobre todos os outros se providenciarem devidamente;

3.º Se em quaesquer casas religiosas dos seus districtos abastecerem-se de administração ordens sacras e noticiados monasticos, de qualquer instituto ou natureza que sejam, e em que se dar prompto e inteiro cumprimento ao disposto no decreto de 26 de maio de 1835, que formalmente prohibe os votos e sociados.

Como sempre succede com todos os actos do governo, as criticas divergiram. A politica, que não perde nunca ensejo de se manifestar, accentuou-se na apreciação d'esse documento, que era para os imparciaes, como é realmente, muito sensato e firme, emquanto outros examinando-o

não acreditavam nos seus effeitos e ós radicados o alcunavam de burla.

O que é verdade no entanto, é que no Porto, onde a agitação era mais seria porque era real e generalisara-se a todas as comadras socias, desde as mais conservadoras até ás mais exaltadas, a impressão foi boa em todos os que estão de boa fé e só desejam o cortejo dos que da sombra manobram contra a tranquillidade da familia liberal, e a paz da patria, que estava para se realizar não se realizou, e em vez de uma representação violenta os poderes publicos, resolveu-se apresentar ao Chefe do Estado uma mensagem de felicitação pelo decreto.

Isto fizeram os homens serios, os verdadeiros liberas, que, sem deporem as armas de combate, entendem, e bem, que a despeza do momento em que o governo, composto de homens todos liberas, cujo passado politico é garantia segura dos seus ideaes, firma um documento d'aquella ordem, é para que elle seja cumprido.

E n'esse intento está o governo.

Não só mandou recommendar particularmente a todos os governadores civis que dessem maior cuidado e attenção á applicação do decreto, como ainda o reforçou e o desenvolveu na sua execução, com uma postura estabelecendo a ordem de informações que sobre cada um dos institutos visados pelo artigo 1.º do decreto elles tem de fornecer ao poder central.

A questão é muito complexa e bom é que se se dessem maior attenção, a policia d'ahi va por certo a efficacia dos seus resultados.

Estê é em resumo os acontecimentos que durante a semana se deram, que se prendem com a questão que vinha agitando o paiz. Em noticias ligeras, damos adiante conta de outras manifestações em varias terras.

## A familia Calmon

O ex-consul brasileiro no Porto, o sr. dr. José Calmon, retirou com sua esposa, duas filhas, uma nora e tres filhos para Trieste, para onde foi transferido. De sua casa até á parte do caminho, de ferro foi acompanhado por um commissario de policia na estação guardado por um commissario geral que offereceu o braço á sr. D. Rosa Calmon conduzindo-a até á carruagem do comboio, e varios guardas da policia para evitar qualquer scena que porventura e em caso extremo se houvesse preparado.

Tudo correu na melhor ordem. Grande numero de senhoras e cavalheiros das relações da familia Calmon foi-lhe dizer o adeus de despedida. O sr. dr. Calmon, sua esposa e filhos estavam commovidissimos. A attitude da sr. D. Rosa era de grande tristeza mas parecendo indifferente ao que se passava.

Houve abraços e saudações e á partida do comboio apenas as phrases:

— Muito boa viagem e muitas felicidades.  
 — O ex-consul deixou ao commissario geral 200.000 réis para os pobres.

O auto levantado pela policia a respeito do rapto malogrado de D. Rosa, no domingo gordo á porta da igreja da Trindade, está já entregue ao poder judicial.

## Thomaz Ribeiro

No trigésimo dia do fallecimento do poeta do *D. Aguiar*, resaram-se missas em Lisboa, no Porto, em Braga e Coimbra, e em outras terras onde Thomaz Ribeiro deixara amigos sinceros.

Na capella de Nossa Senhora da Rocha (Senhora Aparecida) em Carnaxide, fizeram-se exequias, sendo celebrante o Bispo de Trajano-Alentejo, acolytado pelos priores de Carnaxide, Oeiras e Barcarena, assistindo muito povo da localidade, onde Thomaz Ribeiro viveu por largo tempo, e onde era muito estimado.

Assistiram alem dos filhos do poeta e de muitos amigos, o sr. Ministro da Marinha, representando o governo e o sr. Visconde d'Albuquerque, representando a Camara dos Pares.

Não houve sermão porque o Patriarcha de Lisboa prohibiu que se fizesse o elogio fúnebre do poeta.

# O CARTAZ DA QUINZENA



**S. Carlos.** — No dia 17 é o ultimo concerto com a Oratoria de Pecos, *Restauração de Lázaro*. A epoca lyrica está a findar, devendo ainda cantarem-se a *Filha do Regimento*. — Na noite de 23 vai ali fazer a sua festa artistica a gentil actriz Palmyra Bastos, com uma unica representação de *Bonca*, e isto por ser impossível satisfazer no theatro onde está representando, todos os pedidos de camarotes e bilhetes.

**D. Maria.** — O *Turquo*, de Moliere, cuja distribuição já demos no ultimo numero, será talvez a ultima peça da presente epoca, que finda em abril, porque a companhia tem autorisação do governo para ir representar, durante o mez de maio, ao Porto, seguindo depois em *tournee* por varios theatros da provincia.

**D. Amélia.** — Entrou em ensaios para a festa artistica do actor Augusto Rosa, o *Castello historico*, comedia em 3 actos, de Alexandre Bisson e Ren de Turique, cuja accção se passa no castello de Fontenelles. A distribuição é a seguinte:

Claudio Barrois ..... Augusto Rosa.  
Gastão Baudoin ..... Eduardo Brazão.

Colombin ..... João Rosa.  
O capitão Gabriac ..... Augusto Antunes.  
Luciano Colombin ..... Henrique Alves.  
O dr. Dutresnois ..... João Gil.  
Justino ..... Antonio Pinheiro.  
Antonio, soldado ..... Salles.  
Um sujeito edoso ..... Bayard.  
Um cyclista ..... Quaresma.  
Um visitante ..... Senna.  
Margaritha Baudoin ..... Rosa Damasceno.  
Genoyeva Colombin ..... Maria Falcão.  
Chimé ..... Jessina Saraiva.  
Marietta ..... Candida de Sousa.  
Luiza ..... Maria Ferreira.  
Uma senhora ..... Elvira Santos.

A versão é de Mello Barreto.

— Pensa-se em dar a celebre peça de Perce Galdós, *Electra*, tradução de Ramalho Ortigão.

**Trindade.** — Hontem fez reprise dos *Sinos de Cornelle*, e breve dará a magica *O bico de papagaio*, em que reaparece a actriz Amélia Loppicco.

**Gymnasio.** — Teve um successo de gargalhada a peça de A. Sylvane, traduzida por Moura Cabral. *Uma secção*, que se reverterá no cartaz com os *Doidos com juço*.

**Avenida.** — Fôra uma ou outra recita extraordinaria, para festa de artistas da companhia, o *Tábex te escreve*... conserva-se em scena todas as noites.

— Além d'esta, o repertorio que Sousa Bastos leva para o Rio de Janeiro, para onde partirá em maio, consta da magica *Perla de Satmar* e das operas-comicas e operetas e comedias *O Tido negro*, *Bonca*, *Peraltas e secas*, *Perichole*, *Pompon*, *Casamento da Ninucha*, *Grã-Duquesa*, *Noivado de Mouchet*, *Barba Azul*, *Girofle-Girofla*, *Sinos de Cornelle*, *10 dias do capitão*, *Boccacio*, *Dona Juanita*, *Noite e Dia*,

*Solar dos Barrigas*, *28 dias de Clarinha*, *Gallo d'ouro*, *Bohemia*, *Noite de Venéza*, *Archiduquesa*, *Mosimenes*, *Luiz XV*, *Testamento da velha e Africanistas*.

**Rua dos Condes.** — Com o *Nicles*... a engraçada revista do anno de Eduardo Schwalbach, annuncia-se para 30 d'este mez a festa do actor Valle.

— Entrou em ensaios uma operetta em tres actos, *Os nobres da Morgadinha*, com musica do maestro Tabora.

**Príncipe Real.** — A companhia d'este theatro, dirigida pelo sr. Luiz Ruas, parte no dia 20 para o Funchal, onde vai representar no theatro D. Maria Pia, levando o seguinte repertorio:

*Morgadinha de Valfôr*, *Dama das Camélias*, *A Tosca*, *Santo Antonio*, *Paralytico*, *As Duas Orphãs*, *Segredo do padre*, *Vida d'um rapaz pobre*, *Niniche*, *Vida virada*, *A Bexigosa*, *Homens do mar*, *A Toga Vermelha*, *Inimigo do povo*, *A tomada da Bastilha*, *Causa celebre*, *A Rosa enfeitada*, *As duas irmãs*, *Os que trabalham*, *Maria da Fonte*, *Morgadinha de Valle Perairo*, *A Justiça*, *Maria Rosa*, *Domados de feras*, *A Rainha Santa Isabel*, *Os milhões do criminoso*, *Leney de Casiro*, *A Martyr*, *Kean*, *Magdalena e Cabo Simão*.

— Até lá, continúa a representar-se a *Rosa Enfeitada*.

— Emquanto a companhia se demorar no Funchal, o theatro será explorado pela companhia do actor Oliveira, que está agora representando no theatro Carlos Alberto, do Porto.

**Collysen dos Recreios.** — Em 6 de abril, deve debutar a companhia de operas lyricas, da qual farão parte algumas das figuras secundarias que estiveram em S. Carlos.

## Os credores externos

Depois da interpegação Guerin no senado francez e das respostas do ministro Delcassé, nada mais ha de official sobre o que se passa em França a respeito da questão dos nossos credores. Todos os jornaes inglezes se referem ás exigencias do governo francez considerando-as absurdas, visto Portugal ter cumprido pontualmente o regimen de 1893 e não poder accesar por ora outro que lhe sobrecarregue os encargos.

Na Camara dos Deputados o ex-ministro da Fazenda, conselheiro Espregueira, — durante cuja gerencia se realizaram as negociações com os credores, sendo a base das resoluções de hoje, — pediu varios documentos e entre elles copia de uma carta-reclamação que em 1893 havia sido dirigida pelo comitê franco ao governo. Ora succede que na occasião em que elle pedia essa copia no Parlamento, um jornal de Paris, *Le Soir*, alludia á tal carta, e d'ahi o ministro da Fazenda de 1893, que era o deputado Augusto Fuschini, tirou como corollario que a local do *Soir* parecia ter sido mandada de cá por quem conhecida até a data de um documento que elle nem se lembrava de ter recebido. E aproveitando a occasião, confirmou mais uma vez que o governo de 1893 promulgara uma lei regulando definitivamente o pagamento da divida externa, sem ter recebido reclamação alguma dos governos estrangeiros. O Presidente do Conselho levantando-se declarou ser isso exacto, pois era elle o chefe do ministerio d'essa epoca.

Entretanto as visões rapidas do ministro francez em Lisboa, Mr. Rouvier, fazem crer que o governo francez não desiste de dar seguimento á questão. Mas por ora nada ha de positivo.

## Demissão da Camara de Lisboa

O governo não acceteu a demissão dos vereadores de Lisboa; publicando, em resposta á representação que elles lhe dirigiram protestando contra a passagem dos serviços de beneficencia para o Estado, que essa transformação não implicou desconsideração para a Camara, mas apenas melhor regularisação de serviços com utilidade real na sua execução.

Os vereadores ainda não reuniram depois da publicação da portaria.

## Fomento agricola e industrial

Pelo ministro das Obras Publicas foram apresentadas á apreciação do Parlamento varias propostas, tendentes a desenvolver a agricultura e a industria nacionaes.

Pela primeira é o governo autorisado a promover a criação e o desenvolvimento de adegas sociaes, companhias vinicolas e estações de destillação, assim como a modificar as pautas de exportação e importação e o regimen do imposto sobre alambiques, devendo decretar os regulamentos e promulgar as medidas que forem necessarias para a execução da lei.

A segunda estabelece novo regimen para as concessões de caminhos de ferro.

Na terceira regulamenta e modifica a emphyteuse e a sub-emphyteuse.

A quarta reorganisa os serviços da secção municipal, no continente.

A quinta manda proceder ao recenseamento geral dos rios, no continente e ilhas, por períodos de dez annos.

Finalmente, a ultima manda abrir um inquerito estatístico sobre a situação e necessidades da industria do continente e situação dos operarios.

## Situação commercial

Tem havido abundancia da dinheiro e facil collocação de papel a 5%. O governo adquiriu papel sobre Londres para o pagamento do coupon de abril, e por isso o mercado de cambios animou um pouco. Estes regularam na média a 37 sobre Londres, 774 sobre Paris, 317 1/2 sobre Berlim e 950 sobre Madrid.

O cambio do Rio fendeu a firmar-se, conservando-se entre 11 e 11 1/2.

Na Bolsa fizeram-se grandes transações de inscricções, que de repente subiram a 37,95, ficando depois a 37,50.

As transações em generos coloniaes tem estado estacionarias.

## Congresso Colonial

A pedido de varias associações scientificas, commerciaes, industriaes e agricolas do paiz e das colonias, resolveu a Sociedade de Geographia adiar para 2 de dezembro o Congresso Colonial. Estão sendo já elaboradas varias monographias sobre assumptos relativos ás theses apresentadas á commissão organisadora. Em abril, começará na Sociedade uma série de conferencias sobre assumptos coloniaes.

## Casamento fidalgo

Casou o conde de S. Lourenço, filho dos condes de Sabugosa, com a sr.ª D. Bertha Munró dos Anjos, filha do digno par o sr. Polycarpo Anjos.

O noivo foi apresentado por S. M. a Rainha com uma abotadora de turquezas e brilhantes, e por El-Rei com um faqueiro de prata. Na corbelle da noiva viam-se riquissimas joias, verdadeiras preciosidades aristocraticas.

### Emigrados boers

São em numero de 512 os boers que se esperam a bordo do vapor *Benguela* já em viagem de Lourenço Marques para Lisboa. Ao descerem aquelle porto, os principaes emigrados agradeceram vivamente reconhecidos ás autoridades a hospitalidade que tiveram ali.

### Um novo museu

A Associação Commercial de Lisboa resolveu fazer nas suas salas um museu de novo genero, para exposição permanente dos artigos das fabricas industriaes e dos productos agricolas ao lado dos seus congeneres do estrangeiro, para se avaliar o aperfeiçoamento que vão soffrendo e aquelle de que ainda são susceptivos.

### Neecrologia

De 28 de Fevereiro a 12 de Março, falleceram: Em Lisboa — Isabel Maria da Costa, Anna Eugenia de Bastos e Brito, capitão reformado Joaquim Ferreira, Marcelino Lages, Gregorio José da Silva, Antonio Valente, Nicolau Maximo da Cruz, Anna Leite da Silva Oliveira, Maria Libânia Penava Massano, Maria Augusta de Oliveira, Maria da Conceição Carvalho, Antonio Ferreira de Mesquita, Maria Joanna de Jesus, Alfredo Carlos Baptista, Maria Piedade das Neves, Armina Lyra Ribeiro da Silva, Francisco Manoel de Carvalho, Joaquim Lopes d'Almeida, Maria Candida de Sousa Paiva, Maria de Jesus Franco, Joaquim Pedro Xavier da Silva José Antonio Pedro Kuchembuzk, Maria José Pinto Moreira de Carvalho, Anna Maria da Cruz, Antonio Mathias, Henrique José Rodrigues, Rosa Martins, Humberto Nunes Rodrigues dos Santos, Manoel Alberto da Silva Gouveia, Marianna da Conceição Aves Saravia, Maria Joanna Sabido, Joaquim Ferreira, José Maria Raposo, Anna Martins, Rodrigo de Brito Freire, Cyrillo Francisco de Paula Barroso, Carlos Rodrigues, Antonio Maximo, o general reformado José de Rosa, Regina Maria Waddington, Brigida da Costa Corte Real, João Nepomuceno de Castro da Gama, Maria Luiza Rouvier, Lucrecia dos Reis, Laura Amelia da Silva Costa Rodrigo, Luiz M. Celestino Soares, Augusta da Conceição de Oliveira, Mercedes Campos, Francisco Moreira, José da Dores Banha, José Pereira, José Amaro da Costa, João Peres, Joanna Baptista Costa, Thomaz Maria de Oliveira, Luiz Pereira, Carolina Angelica de Figueiredo, Francisco de Bettencourt, Cesar Ventura, José da Silva Santos, o capitão de fragata José Maria da Silva, Carlos Augusto Borges, Manoel Gomes, José da Fonseca, Antonio Soares Dias, Valentim Guilherme Freire d'Andrade, Clemente Dias da Silva, Joaquim Bráz, Julia Luiza Nunes Henriques de Faria, Margarida Valladas Ferreira Mesquita, Thomaz Antonio Carneiro.

Na Porto — Narciso da Silva Bizarro, Prudencia Henriqueta Alves, Maria Gonzaga Mello Brito, Maria Helena Garrett Correia de Freitas, Philomena Cantarota da Silva Esmeraldo, Henriqueta Rosa Araujo Basto, Antonio Narciso de Azevedo Napoleão, João Manoel de Geneis, Rosa Ferreira Villaça, Antonio Narciso de Azevedo Magalhães, Antonio Bernardo Lopes, José Diego Souto, Emilia Vieira, José Ferreira Mathews, Maria do Carmo Mendes Ribeiro da Cruz, Ermelinda de Carvalho Valle Bahia, Antonio Rodrigues Barbosa, Anna Benedicta Lima, Manoel Rodrigues Pereira, José Augusto de Almeida Guedes, Maria Candida oreira.

Em Braga — Thereza Maria Lima, Agostinho José Fernandes, Antonio Joaquim Fernandes, Custodio de Costa Coelho, Fulgencio José da Costa Guimarães, Maria das Dores Vieira de Araujo.

Em Montemor-o-Novo — Maria da Conceição Baptista.

Em Aldegallega — Dr. Manoel Justiniano Móra.

Em Evora — Antonio Lucio da Fonseca.

Em Espinho — José Bento.

Em Avanca — Manoel da Silva Tavares, padre.

Em Alfrães — Antonio Antnate.

Em Elvas — O general reformado João Travassos Valdez; Alfonso Botelho Correia Guedes do Amaral.

Em Paços de Ferreira — Victorino Xavier da Costa.

Em Miranda do Douro — Ignaz Candida do Carvalho Pimentel.

Em Sacavem — Maria Martins da Costa.

Em Faro — D. Antonio Manoel de Noronha, (Atalaya).

Em Expoente — Francisco Gonçalves Marques.

Em Celorico da Beira — Antonio Joaquim da Silva.

Em Abergaria a Velha — Maria Ramoa, Carlos Borralho.

Em Santarem — Maria Justina de Carvalho Pinheiro Palma, Felizardo da Piedade Silva

Na Povoia de Lanhoso — O abbade Martinho do Campo.

Em S. Brag d'Algaral — José de Sousa da Cruz e Manoel José Carvalho.

Em Mousinho — Maria Borges, com 102 annos.

Em Castello de Paiva — Nicolau Beiro Pinto de Sousa Lobo.

Em Mercena — Goula Martins.

Em Guimarães — Maria Elisa de Sousa Soares.

Em Santo Thyrsro — Joaquim Gaspar.

Em Valladares — Manoel Boaventura Rodrigues.

Na Povoia de Varzim — Margarida Rosa de Jesus Fosca

Em Armamar — Accacio Borges Ferreira Pinto da Silveira.

Em Vianna do Castello — João Baptista Domingues e o padre Antonio Joaquim Gonçalves Borlido.

Em Gouveia — Joaquina Carvalho.

Na Lourinhã — Joaquina Sotto Simões, Amelia de Jesus Maria Cadete.

Em Mangualde — Catharina da Silva.

Em Vouzella — Maria Julia Paiva.

Em Povinho — Anna Leocadia Leote Biker.

Em Oiação — Daniel Sequeira Estrella, Maria Pereira.

Em Bragança — O padre João de Moraes.

Em Redondo — Ernestina Garcia Ribeiro.

### Varias noticias

Lisboa — Está quasi concluido o vapor *Alvaro de Gaminha* que a expensas do cofre da provincia de S. Thomé, foi mandado construir na casa Holtz, de Hamburgo. Tem 400 toneladas e a velocidade de 10 milhas. Para Hamburgo a assistencia da expedição foi nomeado o tenente sr. Antonio Valle, que virá a bordo como commandante de bandeira em consequencia da tripulação ser allemã.

— As experiencias feitas entre o forte do Bom Successo, e a bateria da Raposeira, do outro lado do rio, com a telegraphia sem fio, tem dado optimos resultados apesar dosapparelhos fornecidos pela casa Ducréte serem de pouca potencia.

— Houve um *raout* na legação brasileira.

— Esteve muito concorrido e animado.

— Ante-hontem houve um baile na legação allemã a que assistiram El-Rei e a Rainha.

— O Nuncio para festejar o anniversario de Sua Santidade deu uma grande recepção no palacio da Nunciatura.

— A ultima recepção na legação do Brasil esteve muito concorrida e animada. Madama Mello Alvim e suas duas filhas D. Henriqueta e D. Irene, assim como o illustre ministro do Brasil, foram de uma gentileza inexcelsa para com os seus convidados.

— Realisaram-se já as ultimas experiencias da machina do novo cruzador *Rainha D. Amélia*, construido todo no Arsenal. Deram bom resultado.

— Exportaram-se a bordo do vapor *Hildebrand* 224 caixas com ov. s. no valor de 9983000 réis. com destino para a Madeira, de onde devem seguir para a Colonia do Cabo.

— Organizou-se uma sub commisso para auxiliar a commisso que no Porto pretende erigir um monumento ao Visconde de Almeida Garrett. D'essa commisso fazem parte muitos polticos, escriptores, jornalistas, e funcionarios.

Entre estes figura o sr. João Vieira da Silva, consel. do Brasil em Lisboa.

Porto — O fallecido diplomata Duarte Gustavo Nogueira Soares deixou um conto de réis de inscripções a junta de parochia de Mattosinhos, com a obrigação de mandar dizer todos os annos uma missa por alma do seu irmão Alfonso Joaquim Nogueira Soares e distribuir os lucros pelos invalidos do trabalho, residentes na freguesia.

— Uma pobre rapariga, Jesuina Francisca Martins, de 20 annos que ficara de perfeita saude trabalhando em casa, quando o marido sahira para o trabalho, foi encontrada por este, ao meio dia, sentada no chão da cozinha, com a

cabeca pendida para o seio, e o filho de um anno brincando-lhe no collo.

O pobre homem que se chama Victorino Hilario Falcão, vendo-a tão immovel, succidia-a. Estava morta e na cara tinha uma cor violacea que lhe imprimia um aspecto sinistro.

Tinha succumbido a uma congestão cerebral.

O Padre Manuel Guimarães pronunciando um sermão quaesmal em S. Francisco fez varias referencias contra o monachismo em Portugal e combateu os Jesuitas. A sahida foi muito aclamada pela multidão e acompanhado até á Associação Commercial, dando-se vivos ao padre liberal e mortas aos phariseus.

O Padre respondeu: — Viva o povo livre e crente.

— As aguas do Rio Douro, tem corrido muito acima do nivel ordinario.

— Venderam-se em leilão os objectos de arte pertencentes ao amador Manoel San Romão.

— Espera-se que a Rainha D. Maria Pia assista á festa inaugural do novo edificio do Real Hospital de Creanças D. Maria Pia. Se assim fór, entre outras festas, haverá um baile offerecido á vinda de El-Rei D. Luiz pela colonia ingleza.

— Vae haver uma grande exposição ceramica no Palacio de Cristal promovida pelo Instituto Portense de Estudos e Conferencias.

— Ao sr. Guilherme Fernandes, inspector dos incendios, foi conferida pelo governo francez a medalha de ouro de 1.<sup>a</sup> classe, a proposito do congresso internacional de bombeiros que se realizou em Paris, por occasião das festas da Exposição. Tiveram tambem medalhas de bronze os srs. Rocha, membro portuguez do Jury, e Fernandes, delegado dos bombeiros de Ovar.

— Os srs. de Villalinho de S. Romão offereceram uma soizé, para apresentação de sua filha a sr.<sup>a</sup> D. Maria Julia, que completou 19 annos.

— Em signal de alegria pelo decreto sobre as ordens religiosas, illuminaram muitas casas particulares e houve manifestações de regosio.

— Os iniciadores de um grande comicio liberal suscitaram os seus trabalhos e resolveram enviar ao Chere do Estado felicitações pelo decreto.

— A respeito de Paulo Nassa, o allemão, auctor de um alanceo no Porto, soube a policia que elle tinha estado em Berne (Suissa, com o nome de Raul Schivalle, dizendo-se professor e ali se ausentára já com uma tal Sanberlich Adali.

— Abrantes — Está submettida á procuradoria geral da Corôa, para consulta, o contracto feito pela camara municipal com John Clark, para a illuminação a luz electrica e abastecimento d'agua na villa.

Anadiz — O vinho continúa a vender-se barato, a 840 e 900 réis cada 20 litros.

— As plantações do bacello americano são importantes.

— Sahiu o primeiro numero d'um jornal, que promete defender os interesses da terra. intitula-se *A Voz da Bairrada*.

Azamubia — A camara resolveu fazer uma feira annual de gado no 3.<sup>o</sup> domingo de maio.

— Uma mulher de nome Maria Ganôa sonhou que em um oval, onde existe um casebre arruinado, pertencente a João Gerardo da Maia, havia um grande theatro. Contou o sonho, e na noite seguinte partiram para ali uns pontos de trabalhadores, que estiveram até de madrugada a cavar, sem encontrarem nada.

O caso produziu galhofa na villa.

Braga — No dia 25 recebe a sua sagração, na Sé, o novo bispo d'Angola, D. Antonio José Gomes Cardoso, sendo sagrante o archbispo primaz e assistentes o archbispo de Mytilene e o bispo do Porto.

Galdas da Rainha — Na estrada da Foz do Arelho, appareceu assasinado Joaquim de Paiva, natural de Peniche.

O cadaver encontrou-se debaixo da ponte do caminho de ferro, percebendo-se que o acoutaram para ali. Ainda se não descobriam os assassinos.

— O cadaver encontrou-se debaixo da ponte do caminho de ferro, percebendo-se que o acoutaram para ali. Ainda se não descobriam os assassinos.

— O cadaver encontrou-se debaixo da ponte do caminho de ferro, percebendo-se que o acoutaram para ali. Ainda se não descobriam os assassinos.

— O cadaver encontrou-se debaixo da ponte do caminho de ferro, percebendo-se que o acoutaram para ali. Ainda se não descobriam os assassinos.

— O cadaver encontrou-se debaixo da ponte do caminho de ferro, percebendo-se que o acoutaram para ali. Ainda se não descobriam os assassinos.

— O cadaver encontrou-se debaixo da ponte do caminho de ferro, percebendo-se que o acoutaram para ali. Ainda se não descobriam os assassinos.

— O cadaver encontrou-se debaixo da ponte do caminho de ferro, percebendo-se que o acoutaram para ali. Ainda se não descobriam os assassinos.

— O cadaver encontrou-se debaixo da ponte do caminho de ferro, percebendo-se que o acoutaram para ali. Ainda se não descobriam os assassinos.

— O cadaver encontrou-se debaixo da ponte do caminho de ferro, percebendo-se que o acoutaram para ali. Ainda se não descobriam os assassinos.

— O cadaver encontrou-se debaixo da ponte do caminho de ferro, percebendo-se que o acoutaram para ali. Ainda se não descobriam os assassinos.

— O cadaver encontrou-se debaixo da ponte do caminho de ferro, percebendo-se que o acoutaram para ali. Ainda se não descobriam os assassinos.

Coimbra — O vice-reitor da Universidade, n'um edital, exhortou os estudantes a comportar-se com seriedade e cordura, não se associando a actos irrregulares e precipitados. Estes vão dirigir ao Parlamento uma representação sobre a questão das orações religiosas, entregando-a ao chefe do districto.

— Vieram de Lisboa 18 praças de cavallaria, commandadas por um tenente.

**Ferreira do Zesera** — Os gatinhos roubaram d'uma casa contigua á habitação da sr.<sup>a</sup> D. Adelaide Augusta de Sá e Castro, do Camilão alqueires de milho e dois saccos vassios, formando para isso a fechadura.

**Guarda** — Estudantes e alguns populares fizeram uma manifestação anti-monastica, queimando, na praça de Comêes, um bonete, figurando um frade. Foram dispersados pelo governador civil substituto.

— Quando se conheceu do decreto do Governo, houve grande manifestação de regosio.

— Foi preso Antonio Joaquim Vicente, residente em Cerdeira, na comarca do Sabugal, por ser passador de notas falsas de 50000 réis.

**Guimaraes** — Na sessão solemne annual da «Sociedade Martins Sarmento», distribuiram-se os premios aos alumnos mais distinctos das escolas primarias do concelho, em numero de 63.

— Esta sociedade foi louvada em nome d'El-Rei, n'uma portaria.

— No testamento que falleceu D. Anna Emilia Pereira, proprietaria e solteira, conhecida pela *Pereirinha*, deixa herdeiro e testamenteiro Antonio Virgem dos Santos; a casa da sua residencia aos sobrinhos Joaquim, Augusto e Callisto, filhos de seu fallecido irmao Joaquim Pereira da Costa; escolas de 30000 e 40000 réis a varios ayllos; 100000 réis a Anna, viuva de José da Costa; 10000 réis a cada uma das recolhidas das Trinas; 30000 réis ao casario de S. Salvador de Doulin; 100000 réis ao seu filho Manoel, neto de José da Costa; a Rosa, filha de Maria, teceadeira, 30000 réis.

**Lamego** — Foram reeleitos na ultima assembleia do Banco do Douro todos os antigos directores.

**Orar** — Dois filhos de Manoel dos Santos, fereiro do quadro das officinas do caminho de ferro, quando vinham da aula para casa, param, junto da ponte Themudo, a brincar com a epuzina. O mais novo, que tinha 7 annos, desculhou e cahiu ao rio, não apparecendo mais.

**Povoá de Lanhoso** — Tem sido exportado para o Brasil muito vinho d'esta região, mas, apesar d'isso, os preços conservam-se baixos.

**Santo Thyrso** — Foi preso o alfayate José Fernandes, por ter tirado, no governo civil, um Passaporte, para embarcar para o Brasil, em nome de Antonio da Rocha. O seu cumplice, Antonio Dias Vieira, foi capturado em Lisboa.

**Torres Vedras** — Houve um importante comicio vinícola, presidido pelo sr. dr. Justino Navier da Silva Freire, que fez a historia da crise vinícola, aggravada ha dois annos. Declarou que as ultimas propostas de fazenda, em vez de beneficiarem os vinhateiros, affectam-os, e pediu para se orientar a creação da Companhia do Sul, para que se não converta em monopolio.

— Falaram outros oradores e nomeou-se uma comissao para se reunir, em Lisboa, aos delegados d'outras regiões e dar execução ás deliberações da assembleia, que se resumiram n'uma representação a dirigir ao chefe do Estado, descrevendo a grave situação em que se encontram os vinhateiros e a urgente necessidade de se libertarem d'ella, e na nomeação dos delegados para estudarem e resolverem as medidas a adoptar para salvar a viticultura portugueza.

**Villa Franca** — Realisou-se o casamento civil do sr. Epiphany Rodrigues com D. Emilia Rodrigues Vidinha.

## ANEDOTAS

— Entre dançarinas:  
— Nunca tiveste em scena uma sensação de terror humano?

— Nunca tive que senti que se me rasgava a meia e que me estava a fugir o algodão em rama.

— No theatro:  
— «E! exquisto! O senhor chora nas scenas comicas e ri-se nas scenas dramaticas!»

— O motivo é muito simples. Sou um pouco vazaroso de comprehensão, de fórma que quando percebo o comicio de alguma scena, já se está na parte dramatica, e quando percebo as peripetias comicas já se está na parte comica.

— Num collegio, dá lição um pequenito filho de um batoteiro.

— Vamos lá a saber, pergunta-lhe o mestre, dois e dois quantos são?

— Quatro, b...  
— E tres?  
— Sete...  
— E dois?

— Baccarat... replica vivamente o pequenito.

— Um pequeno passa com o pae pelo largo de S. Roque, e vê um grande grupo de amas de leite d'á porta da Santa Casa.

— O pae, o peito das amas é a casa de jantar dos meninos, não é?

— O pae distraidamente responde:  
— Conforme: umas vezes é casa de jantar e outras é sala de recreio.

## TAUROMACHIA

### Campo Pequeno

Havia verdeadeira anxiedade entre os *aficionados* da capital para que o sumptuoso edificio da praça de touros do Campo Pequeno fosse entregue á empresa Batalha & C.<sup>a</sup>, para ser explorado nos annos de 1901 a 1903.

Effectivamente, a 6 de fevereiro, foi a praça adjudicada a esta empresa, isto com geral agrado dos amadores do nosso spectaculo predilecto por se saber que é a empresa Batalha & C.<sup>a</sup> a unica que pôde dar corridas em fórma, bem organisadas e de seguro exito.

No anno findo, as melhores toureadas que se deram, em diferentes praças portuguezas, as foram as promovidias pelos cavalleiros que compõem a empresa Batalha & C.<sup>a</sup>, que conseguiram attrahir aos circoas da Figueira da Foz, Galdas da Rainha e Algés, extraordinaria concurrencia, ás vezes contrariada pelo mau tempo.

Sobretudo, as corridas levadas a effeito na praça de Algés foram todas de primeira ordem e de molde a applicar as que se deram no Campo Pequeno, e que, por isso mesmo, não passaram do laticido numero de treze, por certo bem mal postas em scena, com elementos de merito relativo e artistas pouco activos e trabalhadores, que possidem ou quizessem interessar o publico.

— Ao contrario, em Algés vimos o primoroso cavalleiro, Fernando d'Oliveira enthusiasmar os *aficionados* em tardes seguidas, bem ajudado por Simões Serra e Joaquim Alves; admittimos a correcção de Torres Branco e o brilhantismo de Philippe Thomaz da Rocha, collocando bandarihas; e alegrámo-nos com o arrojado galato de Manoel dos Santos, que, aproveitando todos os momentos de se fazer applaudir, em certos casos, atropellou a arte, mas com attenuantes, por que a sua pouca pratica o desculpa e a sua boa vontade é digna de elogio.

Sabemos que a nova empresa tem as suas combinações preparadas para nos apresentar touros de castas apuradas e artistas dos melhores, não nos parecendo difficil affirmar que as temporadas de 1901 a 1903 vão ser brilhantes e animadas.

Além d'isso, vamos saber em breve quaes são essas combinações, porque a empresa seguindo uma nova ordem de ideas e abandonando a velha rotina, tenciona fazer um *abono*, como se diz em Hespanha, ou, melhor, uma assignatura por 5 corridas, em que mencionam previamente os touros, os cavalleiros, matadores e bandariheiros que hão de intervir n'essas 5 corridas, e quaes os *cuadros* que hão de fornecer as rezes para a lide, o que é inteiramente novo entre nós; a respeitabilidade dos illustres socios da empresa, é a garantia mais segura de que o programma será rigorosamente cumprido á risca, salvo qualquer caso de força maior.

Consta-nos tambem que os serviços da praça vão ser melhorados, alterando-se os uniformes d'alguns dos moços da arena, tornando-os mais firm todo muito melhor do que estava, pelo repetimos, o *aficionado* portuguez deve felicitar-se por ter sido a empresa Batalha & C.<sup>a</sup> e não outra a arrendataria da nossa primeira praça.

EGBYDO D'ALMEIDA.

## Perez Galdós

# O CEGO

Versão livre de LORJÓ TAVARES

III

### Um dialogo que servira de exposição

— E' a senhorita Sophia, confirmou a rapariga. Estava alegremente illuminada toda a casa e aberta a janella principal. Nella desenhava-se a figura d' u homem fumando.

— Lá está o eterno fumador! bradou o doutor com alegria. Carlos! Carlos!

— Theodoro! respondeu a va voz da janella.

— O piano emudeceu! soaram passos precipitados dentro de casa. O doutor mettoz na mão de Nela uma moeda de prata e correu para a porta.

IV

### A familia de pedra

Quasi correndo, e saltando agilmente por sobre os mil obstaculos do caminho, Nela tomou a direcção da secção das machinas, atraz das quaes se erguia uma casa, a dois passos das cavalleirias, onde os sessenta moços do estabelecimento, comiam as suas rações pausada e gravemente.

Era n'aquella casa de construcção moderna mais desleigante e sem commodidades, que vivia a sr. Centeno. De tetos baixos e pequenissima para albergar entre as suas quatro paredes os esposos Centeno, os quatro filhos dos esposos Centeno, o gato dos esposos Centeno e por ultimo a Nela, o edificio, não obstante estas prendas, figurava nas plantas do estabelecimento, ostanto orgulhoso, como outros moços, o seguinte leitreiro: *Residencia de capataes*.

Lá dentro provava-se praticamente o apherismo enunciado por Nela; que Nela para nada servia.

Effectivamente havia ali logar para tudo — para os esposos Centeno — para as ferraduras dos filhos Centeno — para as mil cosas, cuja utilidade não seria facil provar para o gato — para o prato do gato para a viola de Tanasio — para os materiais que dito Tanasio empregava na confecção das suas canastas — para meia duzia de arreios velhos de mures — para a gaiola do melro — para um oratorio em que o sr. Centeno offercia a Deus ramos de olive, artilheiras e velias seculares colon sadas por milhoes de moedas.

Para tudo havia logar, menos para a filha da Canela. E não era raro ouvir phrases como estas:

— Oral que não dou um passo que não tropece com esta condemnada Nela! Vae para o teu canto, creatura! Nem fazes nada, nem deixas trabalhar os outros!

Tres compartimentos e um desvão — assim se dividia a casa. O primeiro servia de passagem, de sala e de alcova; pertencia aos esposos Centeno. Na segunda dormiam as duas meninas Centeno, já cascadeiras, e que se chamavam Marinica e Pepina. Tanasio, o primogenito, occupava o desvão, e Calypso, o mais novo de todos, e que orçava pelos doze annos, dormia na cozinha, a divisa interior, mais afastada, mais a escuro, a mais tirada pelo fumo, das tres que compunham a moradia da familia Centeno. Nela, desde que ali estava, havia annos, occupava varios cantos, mudando de poiso conforme o exigia a installação de mil objectos inúteis que atulhavam a casa.

Em certa occasião, Tanasio, que era tão fraco de pernas como de engenho, e que passava os dias a fazer canastas de verga, por na cozinha, em monte, uma meia duzia d'esses ventruços e em pilares da sua industria. A filha de Canela volveu tristemente os olhos em torno: não havia onde ficar de noite.

Por então em execução uma ideia feliz: mettoz-se n'uma canasta e ahi dormiu commodamente. Quando sentia frio servia-lhe de coberto outra canasta.

A hora das refeições e entre a algazarra das conversas, que versavam sempre sobre o trabalho do dia, ouvia-se uma voz dizer bruscamente:

— Toma!

A pobre Nela recebia então uma esculdella das mãos de qualquer Centeno, grande ou pequeno, assentava-se no chão ao pé da arca a comer tranquilamente.

Por vezes, ouvia-se, ao terminar a refeição, a voz áspera e embeberada do sr. Centeno, dizendo para a consorte em tom de censura: — Oh! mulher! então tu não deites nada à pobre rapariga!?

Succedia por vezes a sra Anna procurar com os olhos, por entre os filhos, algum objecto pequeno e dizer:

— Ora esta! Então ella estava aqui? Julgavi que tambem tinha ficado hoje em Aldeacorbá...

A's noites, depois da ceia, reservava-se. Depois, cambaleando como sacerdotizas de Bacho, e esfregando os olhos com os dedos, Marinha e Pepina tinham deitadas nas suas camas flaccidas e commodadas, a que não faltavam espaventosas colchas, e pouco depois ouvia-se um duo de contraltos, que só de manhã terminava. Tonasio recolhia-se e Celipin accorava-se entre umas mantas esfarrapadas, a dois passos das canastras onde Nela desaparecia completamente. Assim accommodados os filhos, os seus illustres progenitores ficavam ainda por instantes no quarto maior, e enquanto Centeno pae, se perra estendia ao pé da meza, ia lá debalde, visagens para ler um jornal, a sra Anna tirava da arca um pé de meia e depois de contar e recontar o que lá havia tornava a pol-o no mesmo sitio. Em seguida pagava em varios rolos de moedas de ouro, recomendoando a operação anterior.

No aposento apenas a espaços se ouvia então uma outra phrase:

— Trinta e dois reales para o vestido de Marinha... Dei ao Tanasio os seis que se deviam... Faltam só onze duros para os quinhentos...

Os srs. deputedos que disseram sim... Homens realisaes se a conferencia.

A sra Anna contava pelos dedos, e os dedos do sr. Centeno acompanhavam a leitura do periodico, como guahs indispensaveis ao seu espirito por aquelle labirinto de caracteres.

Estes dizes iam-se pouco a pouco reduzindo a palavras soltas, depois a monossyllabos. Um bocacinho, bocacinho o outro, e por fim cahia tudo em silencio, e apagava-se por si a lanterna, a cuja luz o capataz do gado enquiacaera os seus conhecimentos.

Uma noite, reinava silencio absoluto em toda a casa, ouviu-se ligeiro rumor nas canastras da cozinha. Como não era completa a escuridão, visto que nunca se fechavam as portas do postigo, Celipin Centeno, ainda acordado, viu que as duas canastras do topo da ruma, se separavam e abriam como conchas de um bivalvo, e que entre ellas appareciam os olhos negro de Nela.

— Celipin! Celipin! disse uma voz. Está dormindo?

— Não sabes que pareceis uma avetasma, Nela! Que queres?

— Toma lá uma peseta que me deu esta noite um senhor, o irmão de D. Carlos. Quanto tens já? Isto é que é presente! Uma peseta! Da outras vezes só te tenho dado moedas de cobre...

— Venha de lá a peseta e obrigado, respondeu o pequeno. Já me tens dado quasi trinta reales. Andam sempre comido, dentro do saquinho que me deste. És uma boa rapariga!

— Para que me serve o dinheiro, a mim!? Guarda-o tu muito bem guardado, porque se a sra Anna sabe que o tens, julgárá que é para estroinices e é muito capaz de te bater com o pau grande.

Estás enganada: não é para estroinices, respondeu o rapazinho com orgulho, comminando o peito com a mão e meio erguido. É para me fazer homem, Nela, homem util como muitos que conheço. Domingo, se me deixarem ir a Villamojada, hei de comprar uma cartilha para aprender a ler. E hei de aprender só, olaré! Ah! Nela! Dizem que o sr. D. Carlos era filho de um homem que varria as ruas de Madrid, pois assim, com a ajuda de Deus, aprendeu tudo o que sabe hoje.

— Julgas talvez que farás o mesmo!?

— E porque não? Já que não me querem deixar sair d'estas malditas ruínas, eu saberei procurar a minha vida. Tu verás quem é o Celipin. Eu não nasci para isto, Nela. Mal tenho juntado a minha vida a tua, e já tens a vontade de me metter no comboio para Madrid, ou embarco num vapor que me leve ás ilhas, lá longe, ou ponho-me a servir, mas com a condição de me deixarem estudar.

— Bemdito seja Deus! E muito calado com isso! exclamou Nela, abrindo mais as duas conchas inclinando-se para baixo.

— Julgas que estou a brincar? Pois enganaste. Estou furioso! Se eu não posso viver assim! Sinto que morro nas minhas. Caramba! Passo as noites a chorar e a arrepellar-me, e... não te admires, Nela, nem julgues que sou mau: nunca o disse a ninguém...

— O que é o gosto de minha mãe, nem de meu pae como se deve gostar.

— Gredo! Pois se isso é verdade não te torno a dar nem mais um real. Ah! Celipin! Pelo amor de Deus não tornes a dizer semelhante coisa!

Se não está mais na minha mão, mulher! Aqui uma pessoa não é pessoa: é um animal. A's vezes chego a pensar que a gente vale ainda menos que as mulas, e pergunto a mim mesmo se eu faço alguma differença de um burro... Pezar n'uma canastra de mineral, deital-o n'um wagonete, empurrar o wagonete até aos fornos, remechar com o pau o mineral que está lavando...

— Havia lagrimas na voz do pequeno:

— Caramba! Quem passar muitos annos n'este trabalho ha de por força chegar a ser mau e a ter mollos de calamina. Nada: não foi para isto que eu nasci... Quando peço ao pae que me tire d'aqui e me ponha nos estudos responde que é pobre e que eu tenho muita phantasia. E uma pessoa fica sempre sendo uma besta, ganhando jornal... Não deites nada, Nela!

Nela não respondeu. Comparava talvez com a sua tristissima situação do seu pequeno companheiro de infortunos.

— Que queres que te diga? murmurou ella por fim. Como eu nunca hei de chegar a ser coisa nenhuma, como eu nem sou uma pessoa, nada posso dizer. O que te peço é que não penses n'essas coisas más, nem tales assim de teus paes.

— Dizes isso para me consolares, mas bem sabes que tenho razão. Se tu até estás chorando!

— Não estou tal.

— Estás que eu bem o sinto.

Muito se tem declamado contra o positivismo das cidades s, mal, que, entre as galas e o esplendor do progresso, corroe os alicerces moraes da sociedade. Ha, porem, outro mal mais terrivel ainda — o positivismo das aldeias, que bestifica milhões de seres, suffocando-lhes todas as nobres ambições e apertando-os no torno de uma existencia mesquinha, e de umas farras.

Os vermes que minam as sociedades modernas são a especulação, o agio, a metalisção do homem culto e a febre do negocio. Mas sobre todos ergue-se um monstro que destruo brutalmente, implacavelmente — a cubição do aldeão. Para elle não ha lei moral, nem religião, nem noções precisas do bem — e os seus que se amalgamam na sua alma com superstições e calculo grossieiros.

Sob o seu aspecto de candura hypocrítica albergava-se uma arithmetica sorna, que ultrappassa em agudeza e perspicacia os calculos dos mais finos mathematicos. Camponio sovina, que só junta cobre para trocar por prata e que só sonha com a possibilidade de converter em ouro, e a besta mais ignobil que se possa phantasia, allia á malicia e á subtilidade a dureza de coração, e a sua alma pouco a pouco transforma-se em tabella de algarismos. A ignorancia, a vida rustica, a sovineice dão a ultima demão n'essa entidade, cuja essencia ultima desaparece contando pelos dedos, e esse aldeão é capaz de reduzir a algarismos a moral, a consciencia e a alma humana.

A sra Anna e o sr. Centeno, que haviam conseguido ter, depois de mil angustias, o seu pão nos de cada dia nas minas de Socartes, reuniam hoje, com o trabalho dos quatro filhos Centenos, um salario que, nos tempos em que iam de feira em feira, lhes haveria parecido uma fortuna principaes.

Em homenagem ao dito sr. Centeno deve dizer-se que a sua cabeça, segundo opiniões autorisadas, rivalisava em dureza, com o bate-estacas das minas. Não succedia o mesmo com a sr.<sup>a</sup> Centeno, que parecia mulher de grandes finuras e que governava a casa como o mais sábio e prudente dos administradores de seus estados. A sr.<sup>a</sup> Centeno era quem arrecadava os cinco salarios — uma continha calada! E era vella em dia de pagamento, alegre e risinhoa como se entrasse em casa o proprio Jesus Sacramentoado.

(Continúa.)

## Livros uteis e instructivos

EDICÇÕES DA EMPRESA EDITORA de F. Arthur da Silva — LISBOA

HISTORIA DA REPUBLICA PORTUGUEZA (BRAZIL) — 25 bastião da Rocha Pitta — desde o anno de 1640 até ao presente — Revista e actualizada por J. Gomes Cores, em 8.<sup>o</sup> grande, 2.<sup>o</sup> edição de luxo com 10 grav. e um mappa, broch. 12.000

Em 1.<sup>o</sup> edição, fuzi coza, 12.000

RESENHA DAS FALSOES TITULARES — 12.000

E. GRANDES LUGOS PORTUGAL — Silveiro Pinto e Viçconde de Sauchos de Baines — 3 volumes grande, com 12 grav. e edição deluxo com brancas de armas no texto, br. 105.000

Em 1.<sup>o</sup> edição, fuzi coza, especial, 105.000

O ENGENHEIRO FIDALGO DE 17. QUITE DE LA MANCHA — D. Miguel de Cervantes Saavedra — Versão do Visconde de Benalcanfor, 2 vol. in-8.<sup>o</sup> com 126 grav. e com 31 grav. broch. 25.000

Em 1.<sup>o</sup> edição franceza, 25.000

OS SERITOS D'AFRICA — Alfredo Sarmento — Apontamentos de viagem, in-8.<sup>o</sup> com 15 grav. e 1.<sup>o</sup> appa do Ambriz, br. 200

Em 1.<sup>o</sup> edição franceza, 200

HISTORIA UNIVERSAL — G. Cantos — 6 vols. 2.<sup>o</sup> edição, com 100 grav. e 100 grav. Traduzida por Maria Bernardes Barboza, 13 volumes, in-4.<sup>o</sup> gr., 2.<sup>o</sup> edição, com 51 grav. e 100 grav. broch. 18.000

Em encad. fuzi coza, 25.000

OS ULTIMOS TRINTE ANNOS, 1848 a 1878 — G. Cantos — Versão pelo Visconde de Ca-tilho — in-8.<sup>o</sup>, com 312 paginas e retrato do actor, br. 200

Em encad. deluxo, 18.000

DICCIONARIO ENCYCLOPEDICO OU NOVO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA — J. de M. A. A. B. de Lacerda — Diccionario de synonymos; Vocabulario da lingua Brasileira do Popo; Vocabulario do d'iccionario Guarniry, 2 vol. in-folio, 2.<sup>o</sup> edição, com 3.<sup>o</sup> pag. enc. broch. 125.000

HISTORIA DAS CENSENCIAS E POLITICAS E RELIGIOAS, occorridas em Hespanha e Portugal, desde a idade media até aos nossos dias — Versão do Despachante por Viçconde de Albuquerque, in-8.<sup>o</sup> pag. 6. 12 grav. broch. 25.000

Em 1.<sup>o</sup> edição, franceza, 25.000

## Ao Bazar da Industria

TAVEIRA BARBOZA & C.<sup>a</sup>

R. CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 42 — Caixa Postal n.º 487 — BRASIL — PARA

Completo sortimento de artigos para escriptorio, papalarias, livros em bruno, chapéus, harmonicas, cordas para violão. Realizaes. Calças de malva. Botas feitas, portuqueiras, letreiros. Camisas de viagem, hinozinhos, artigos para presentos.

GRAND HAYON DE MIUEZES

O systema de vender tudo com pouco lucro é absoluto no Bazar da Industria

Vendas por atacado e a retalho

## LA BÉCARRE

F. CARNEIRO & C.<sup>a</sup>

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

Grande sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros. Artigos para pintura. Pertences de escriptorio. Objectos artisticos para brindes. Trabalhos typographicos em todos os generos.

Rua Nova do Almada, 47 e 49 — LISBOA.

Remette-se franco de porte o catalogo illustrado

# GARANTIA DA AMAZONIA

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

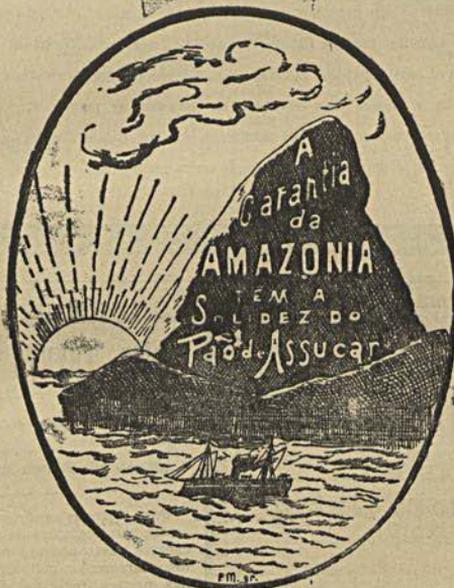
Estado financeiro em 1 de Janeiro de 1900

Propostas recebidas para seguro até esta data... 70.263:000\$000

Seguros realçados em vigor.....	50.297:000\$000	Reserva de re-seguro.....	2.601:265\$377
Novos seguros propostos em 1899.....	24.451:000\$000	Sobras-Garantia supplementar.....	491:232\$304
Seguros accetes em 1899.....	20.895:000\$000	Valor actual sobre o valor nominal de títulos e predios que possui.....	200:000\$000
Propostas para seguros recusadas em 1899.....	3.566:000\$000	Sinistros pagos até esta data.....	1.028:000\$000
Renda em 1899.....	3.428:644\$128		

CONCLUINDO O SEU PARECER, DISSE O CONSELHO FISCAL:

"Estes algarismos que definem perfeitamente os factos que acabamos de frisar, fallam talvez mais alto e mais eloquentemente em abono da correccção, zelo e criterio com que a sociedade foi administrada do que qualquer outro encemio que aqui registrassemos.



E, referindo-se ao pagamento de sinistros, o Presidente chamou a attenção para o facto de que:

"Nenhuma reclamação dividamente feita estava por satisfazer na data em que se fechou o balanço".

Sociedade de Seguros Mutuos Sobre a Vida

## ✧ GARANTIA DA AMAZONIA ✧

Faz mais negocio, tem mais seguros em vigor, tem os seus capitães mais bem empregados, possui maiores reservas e realisa maiores sobras annualmente do que qualquer companhia do mesmo genero.

Séde social

BELEM DO PARÁ-BRAZIL



FABRICA: Rua de S. Christovão N° 129

DEPOSITO & ESCRITORIO: Rua da Constituição, N° 3  
TELEPHONE N° 185

trabalhos da sua especialidade, sob desenhos e medidas, com a maior perfeição, elegancia e solidez; encarregando-se tambem de remetter para os Estados as encomendas acondicionadas com todas as cautellas.

A fabrica, bem como os seus depositos, são francos ao publico a quem convidamos a visitar para julgar com acerto dos progressos que a mesma tem alcançado na industria de marcenaria; ficando d'este modo os srs. consumidores, pelo aperfeiçoamento que os artefactos revelam, habilitados a julgar com segurança e que melhor lhes convenha antes de se munirem de moveis de outra procedencia.

N'ESTA grande e acreditada fabrica encontra-se uma collecção a mais completa e variada de moveis solidos e elegantemente construidos, das mais bellas e preciosas madeiras do paiz.

A fabrica, que sem contestação é uma das primeiras do nosso paiz, n'este genero encarrega-se da factura de mobílias completas, moveis avulsos ou quaesquer outros

## Agencia Financial DE PORTUGAL

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO  
SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de jros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

### Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THEOURO PORTUGUEZ) em todas as capitães de districto e sédes dos conceellos do reino e ilhas adjacentes

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

## Salsa, Tayuyá e Mururé Beirão

*Soberano depurativo do sangue*

Approvada pela Illustrada Inspectoria de hygiene do Pará

Para doenças originarias do sangue viciado, diferentes manifestações da syphilis, rheumatismo, gotta, cancro, escrophulas, tumores, boubas, ulcerações de mau caracter no collo do utero e garganta, inchação nas pernas, molestias da pelle, empigens, dattros, escoriações, granulções no rosto, vegetações e nevrálgicas, inflammações visceraes de olhos, ouvidos, nariz, garganta e intestinos, e nas doenças determinadas por saturações mercurial.

### A SALSA TAYUYÁ E MURURÉ

Demanda muito pouco resguardo e póde ser usada sem que a pessoa interrompa suas occupações; apenas se deve evitar as comidas salgadas e gordurosas e o uso de bebidas alcoolicas.

DEPOSITO — Drogaria Beirão

DE  
Carvalho Leite & C.º

103, RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 103

PARÁ

**Companhia Geral de Credito Predial Portuguez**

LISBOA—L. de Santo Antonio da 66, 19

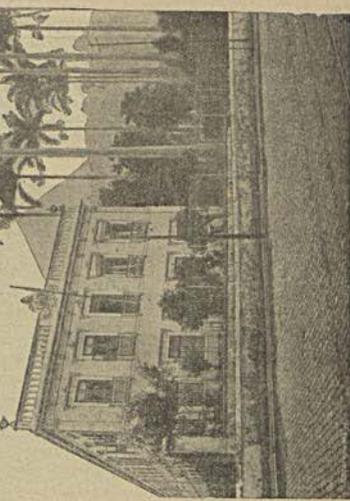
Emprestimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo — juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 1/2, de 10 e 60 annos. Emprestimos em conta corrente: a juro de 5 1/2 e commissão de 1/2 1/2 de 1 a 9 annos. Depósitos: acceptam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 1/2 á ordem e 3 1/2 ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 á 6 e 4 1/2 ao anno. Propriedades: a Companhia tem as suas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.



ALBINO JOSÉ BAPTISTA — LIXOVA — O US de Sua Magestade do Almirante Manoel bator grande sortimento de chapéus para sol no chapeo, em lã ou de quadriculada, assim como brigantes, requis, uniformes e artigos de novo fabrico. Para com a primeira em sua genero em servio haes e por todos districtos.

**GRANDE HOTEL METROPOLE**

GERENTE  
**CANDIDO AUGUSTO FERREIRA**



MAIOR da capital, construido de accordo com o clima do paiz e situado nas faldas do Corcovado.  
Possue todas as condições hygienicas e as mais confortaveis e salubres e apossos por amillias e cavalheiros.

181, Rua das Laranjeiras, 181  
RIO DE JANEIRO



**VINHOS VELHOS LEGITIMOS DO PORTO**

Premiados nas exposições de Londres, 1862; Boston, 1863 e Paris 1867 e 1875

ANTIGA CASA

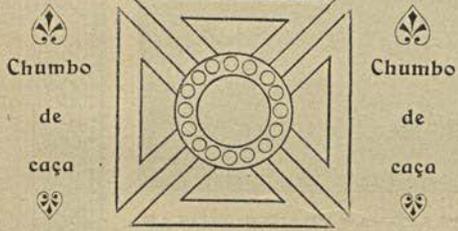
**PORTO João Eduardo dos Santos REGISTRADA FUNDADA EM 1846**

MARCA DE COMMERÇIO Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuinos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, roilhas, caixas ou cacos, a marca de commercio registrada de que uso.

A VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM  
JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR — Porto

**Fabrica S. Gonçalo**

**E. DE ANDRADE & C.ª**



**QUALIDADE SUPERIOR**

Dureza Perfeição Igualdade

O MELHOR QUE EXISTE NO MERCADO

Vendas por grosso e a varejo

Pedidos: CAIXA POSTAL 735 Ender. telegr. SATURNO — RIO

**18, R. de S. Pedro, 18**

**RIO DE JANEIRO**

Livraria moderna PEREIRA & SILVA  
PARA — R. Cons.º João Alfredo, 33  
Livraria americana

Sortimento completo de livros de litteratura, direito, instrucção, etc  
**PREVENÇAO DE ESCRITÓRIO**  
Preços sem competencia  
Endereço telegraphico Moderna

**LA CAJA Y EL PENIC ESPAÑOL**  
Capital social 9.000.000.000 rs.  
15.000.000.000 REIS  
De dividendos pagos desde 1864 até 1898  
PREMIOS E RESERVAS 4.923.928.000  
Seguros contra incendio, explosão de gas e furtos

Equiper Alambique & Union Maritime  
Companhias francezas contra os riscos maritimos e a frotta de transporte de qualquer natureza.  
DIRECCION — Lima Mayor & Páez  
1-1899-4 — Rua da Franca, 50, 2.ª

**AGENCIA CENTRAL DE JOSÉ LOPES PEREIRA**

Agente de leilões

Encarrega-se de vendas em leilão, de predios, titulos das dividas publicas, gerios e do E. tido, terrenos, accções de Bancos e Companhias, Cambiase, Hypothecas, etc., etc.; assim como recebe ordens para fazer leilões em casas comme cianes, particulares e em sua agencia

á Rua 13 de Maio, 71. PARÁ  
(CANTO DA TRAVESSA CAMPOS SALLES)  
Telephone n.º 346

**CESAR A. PAIVA**  
CIRURGIAO DENTISTA  
SUAS MAGESTADES E ALTEZAS CONSULTORIO  
R. do Arsenal, 100, 1.ª LISBOA

**HOTEL DURAND**  
English Hotel — Lisboa  
1, Rua das Flores — Largo do Quintella  
Este hotel, situado na parte mais central da cidade, oferece todos os confortos de uma casa de primeira classe.

**CANDIGIROS**  
Em todos os generos  
Ganalisções para agua e gaz

Tubos de chumbo, borracha, lona, latão e ferro. Louça de ferro esmaltado. Retretes de varios systems Objectos proprios para brindes

**Casa José d'Oliveira**  
21, 22, L. S. DOMINGOS, 23, 24  
LISBOA  
252525252525+252525252525

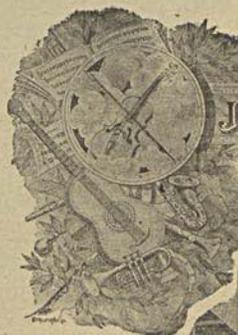
Casa Fundada em 1886

**JOSÉ MENDES LEITE & C.**

DEPOSITO DE INSTRUMENTOS DE MUSICA

18, Rua 15 de Novembro, 18

SEU PRINCIPAL ATRIBUTO: INSTRUMENTOS DE MUSICA



**Instrumentos de Musica**  
na  
Accessorios para os mesmos  
NO GENERO

**UNICA CASA DE CONFIANÇA**  
Especialidade  
em cordas para violão,  
rabecas e violas

Endereço telegraphico  
«Mendes»  
Cassa no curvas  
N.º 486



Registrada por despacho da  
Junta Commercial de 6  
de Maio de 1897 sob o  
n.º 10.



Este estabelecimento, que é, no seu genero, o primeiro de todo o Estado do Pará e do Norte do Brasil, importa directamente todos os instrumentos de musica, de metal e de madeira, e encarrega-se de quaesquer encomendas.

O seu proprietario, José Mendes Leite, garante a qualidade, a solidez, perfeição e afinação normal de todos os instrumentos. Dirigir todos os pedidos a

**José Mendes Leite & C.**

Rua 15 de Novembro, n.º 18

PARA



# ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Recebe e satisfaz encomendas para o Brasil e Africa com grande desconto

→ Sempre as ultimas novidades ←

RUA DO ALECRIM, 111, 1.º

LISBOA

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900. Variado sortimento de fazendas de lã e seda proprias para todas as estações.

## Atelier-Photo-Chimico-Graphico

P. MARINHO & C.º — Rua de S. Paulo, 216, 2.º — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO 823

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. Os preços mais baratos do natz. em todos os trabalhos.

Execução perfeita.

## COMPANHIA

# PHENIX PERNAMBUCANA

(SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES)

FUNDADA EM 1870

DIRECTORIA { Dr. Manoel Gomes Matta  
Joaquim Dias Fernandes  
Luiz Duprat

SÉDE: RECIFE — RUA DO COMMERCIO, 46

PERNAMBUCO

## H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço

Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

DOCAS DE REPARAÇÃO EM CASILHAS

ESTABEIRO NO GINJAL

JOÃO BASTOS & C.ª  
COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES  
LISBOA — Rua da Prata, 14, 1.º

PROVAE OS DELICIOSOS  
VINHOS DO PORTO

DE

Constançapino Almeida



# ENCYCLOPEDIA PORTUGUEZA ILUSTRADA

Atta-se publicado o 1.º volume. Preço em todo o Brasil (moeda brasileira) broch. 225000 réis, enc. 40000 réis. Assignatura permanente. — Publicação de uma enciclopedia mensal ao preço de 2000 réis franceza de porta.

EDITORES: **LEMOS & C.º** successores  
Largo de S. Domingos, 435. — PORTO  
AGENTES NO RIO DE JANEIRO

**A. Mascarenhas & C.º** — Rua da Quitanda, 38

Agente geral no Brasil: Luiz Guedes d'Amorim

CAPITAL DO ESTADO DE COYAZ

DICIONARIO UNIVERSAL publicado sob a direção de MAXIMIANO LEMOS

Leito da Escola Medico-Cirurgica do Porto

Com a collaboração efectiva de dr. Adriano Anthero de Sousa Pinao, Alberto de Agular, A. A. Ferreira de Carvalho, A. J. Ferreira da Silva, D. Antonio Barroso, A. A. Costa Pereira, Bento Carqueja, José, Bernardino Machado, Clemente Pinto, Domingos Correia, Domingos Ramos, E. Lázaro Sequeira, Ernesto Maia, Firmino Pereira, Francisco Antonio Pinto, cont. Francisco da Paula Cid, Francisco de Azevedo, Francisco Ribeiro Nobre, Henrique Carvalho d'Assumpção, Jayme de Faria, Jayme Pillito, dr. João Paiva, Joaquim A. Câmbezes, José Candido Correia, J. N. Raposo Botelho, J. N. Raposo Botelho, José Nunes Gonçalves, José Pereira de Sampaio (Bruno), dr. Julio Henriques, Julio Portella, Luiz Viegas, M. d'Oliveira Ramos, Nuno Querrol, Paulo Marcelino Das Freitas, dr. Ricardo Jorge, dr. Roberto Frias, Simas Machado, Theophilo Braga, Valentin de Magalhães, com Wences-las de Lima.

## V.ª WENCESLAU GUIMARAES & C.ª

Commissões e Consignações

IMPORTADORE DE VINHOS

Telegrammas

Wenceslau Rio

Caixa do correio

N.º 272

R. General Camara, 17

RIO DE JANEIRO

### VINHOS DO PORTO

Marca registrada

Santos J.ºs

Porto



Casa fundada

em 1872

Premiada  
com os primeiros  
premios em todas  
as exposições.

*A. Pinto Santos Junior & Comp.ª*

COMPAGNIE  
des Messageries Maritimes  
Paquebots post français  
LIGNE TRANSATLANTIQUE



Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres.

Para passageiros do 2.º classe trata-se com José Antonio dos Santos & C.ª, Praça dos Beneficentes.

Para carga, passageiros e todas as informações, trata-se na Agência da Companhia, Rua Azevedo, 33.

Pela Companhia des Messageries Maritimes

des Terres.

## HOTEL BRAGANÇA

Rua Entreparedes, 61. PORTO

Completamente restaurado e mobilado. Tratamento de primeira ordem, dispondo de 80 quartos independentes, com janellas muito confortaveis e hygienicos.

O Hotel Bragança, pela sua situação na cidade do Porto é o unico que convem aos viajantes com familias.

Pensão diaria 1:000 réis comprehendendo alimentação e vinho

O actual proprietario e gerente J. F. Marreiros convida todos os viajantes a instalar-se no

## HOTEL BRAGANÇA

Endereço telegraphico MAREIRO

## PERNAMBUCO PENSÃO DERBY

Hotel installado com todo o conforto moderno n'um dos pontos mais pittorescos e saudaveis de Pernambuco.

60 salas e quartos, Salão de visitas e de leitura. Banhos em todos os andares. Luz electrica. Cozinha superior e vinhos escolhidos. Grande salão de bilhares. Jogo da bola. Botes para passeio, etc., etc.

PREÇOS MODICOS

GERENTE — ISAAC ALVAREZ Y RODRIGUEZ

Endereço telegraphico DERBY Caixa do correio n.º 101, O Bnd do Derby 71122 porto da Pensão

